

OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO ESPIRITA NA INFANCIA

Educação é aquela em que se procura organizar a personalidade do educando de modo coerente com os princípios de amor e igualdade. No caso especial da Doutrina Espírita, esses princípios são dilatados pelo conhecimento da lei de causa e efeito e da reencarnação.

Podemos assim resumir o trabalho do educador em três objetivos principais:

1 - Transmissão de conhecimento doutrinário

Atendemos a esse objetivo quando:

a) respeitamos as características e limitações de cada fase da infância, tipos de raciocínio, capacidade de atenção dirigida, interesse das idades;

b) respeitamos a necessidade de concretização na infância, utilizando-nos de recursos audiovisuais para o ensino;

c) não forçamos a compreensão de conceitos abstratos em crianças incapazes de raciocínios lógicos ou abstrações.

O valor de tais conhecimentos não se faz sentir pelo seu conteúdo informativo e, sim, pelo seu aspecto formativo.

2 - Socialização

Isto é, preparação para o convívio social, em moldes de fraternidade e solidariedade. Para tal, devemos formar grupos de trabalho, de jogos, de excursões, onde a criança verá e viverá fraternalmente, satisfazendo a necessidade de fazer parte de um grupo (instinto gregário). Muito auxiliará a socialização da criança contar com padrões de identificação que podem ser a figura materna ou paterna, a figura dos educadores e a figura de Jesus em função de sua bondade e do seu ideal de servir ao próximo.

3 - formação de sentimentos e ideais:

É o mais importante dos nossos esforços, a serviço da própria evolução.

A natureza não dá objetivos. Para tal precisamos analisar o nosso conceito de educação. Educar não é formar crianças iguais a um modelo ideal para nós (conceito antigo da criança sendo um homem em miniatura). Educar é desenvolver as capacidades de cada uma, respeitando-se as diferenças individuais; é educar a consciência de forma que ela possa ditar os atos e formar uma escala de valores preparando-se para as opções, no decorrer da vida; é disciplinar a vontade. A educação espírita não fará “milagres de santificação” inesperada, mas poderá fornecer o esclarecimento e o apoio necessários para se iniciar as grandes reformas morais..

A medida certa para avaliarmos a eficiência do trabalho educativo é a melhoria e o progresso que cada um fará de acordo com suas possibilidades espirituais, embora não atinjam a estágios iguais.

Relembremos, aqui, a Parábola do Semeador, os meios e objetivos da educação espírita na infância.

O educador desempenha o papel do semeador. E ele deve sair a semear a boa técnica com tranqüilidade, com segurança, preparando os terrenos das almas infantis.

O conhecimento doutrinário servirá de precioso adubo. E a Centelha divina, em forma de vida, residindo no interior de cada semente, desabrochará e far-se-á visível na qualidade de seus frutos, de acordo com as possibilidades de cada terra.

DO CONHECIMENTO DA CRIANÇA

FASES DO DESENVOLVIMENTO

I - Período de aquisição - infância

II - Período de organização - adolescência

III - Período de produção - adulto

Embora seja necessário acompanhar o desenvolvimento da criança desde as primeiras fases, a partir do nascimento, trataremos apenas de algumas características das fases com que iremos lidar diretamente nas nossas escolas de evangelização, isto é, a partir dos 04 anos. (O pré-escolar).

Características das crianças de 04 a 06/07 anos (pré-escolar)

- Movimentação intensa: correr, trepar, pular, pegar objetos;
- Sentidos em desenvolvimento: tato, principalmente, o que leva a criança a precisar apalpar, “ver com as mãos”, para ir adquirindo noções de peso, maciez, etc;
- Dificuldade em executar pequenos movimentos como cortar, encaixar, dar laço, etc, exigindo treino lento;
- Satisfação com o ruído, o contrário do adulto;
- Egocentrismo, isto é, a criança não tem capacidade de enxergar outro ponto de vista que não o seu;
- Necessidade de receber atenções;
- Raciocínio pré-lógico, isto é, fantasista, cheio de confusões;
- Imaginação fértil e atenção espontânea e instável;
- Necessidade de brincar - sua principal atividade;
- Facilidade para ser sugestionado;
- Apego a figura materna;
- Grande capacidade de afeição e de imposição;
- Prazer no convívio com outras crianças, embora, muitas vezes, brinquem de coisas diferentes. A roda cantada, representações, jogos recreativos, favorecem sua socialização.

Seus interesses são:

- gerais - interessa-se por tudo, independentemente do sexo a que pertença;
- concretos - só se interessa pelo que pode ver e tocar;
- imediatos - precisa ser satisfeito no momento.

Características das crianças de 06/07 anos aos 11/12 anos (o escolar)

- Maior sociabilização, ou seja, a criança já sabe viver em grupo, recebendo direitos e deveres. Nesse sentido é importante a contribuição da sua entrada para a escola.
- Raciocínio lógico, isto é, realista, para corresponder aos fatos como se apresentam;
- Curiosidade mais ordenada, mais dirigida do que a do pré-escolar;
- Imaginação mais controlada, servindo de ajuda ao intelecto;
- Início da atenção voluntária e da capacidade de memorização de fatos abstratos;
- Início do movimento de independência com relação a família;
- Valorização da mãe e do pai no mesmo nível;
- Formação do grupo de amigos, da “turma”, com a qual mantém ótimas relações;
- Situação do evangelizador no mesmo plano da família, pela admiração e confiança nele depositadas.

Seus interesses são especiais, diferenciados pelo sexo e influencia do meio.

Os meninos gostam de atividades mais agitadas; brinquedos agressivos, leituras de aventuras heróicas; colecionam, vendem, compram e trocam.

As meninas gostam de atividades mais calmas; brinquedos mais afetuosos, leituras fantasistas e românticas; colecionam, vendem e trocam.

Características das crianças de 12/13 anos aos 14/15 anos (pré-adolescente)

- Grandes mudanças físicas e psíquicas que muito influenciam o comportamento do pré-adolescente. As modificações físicas ocorrem quando entram em função as glândulas sexuais. Fase agitada de erotização da personalidade, isto é, o assunto sexo passa do plano da pura curiosidade para a vivência do impulso do sexo.

- Desabrochar dos interesses éticos ou morais e sentimentais. Pertencer a “turma” é para o jovem, o fator de liberação da família, ponto-de-apoio, meio de afirmação.

- Instabilidade afetiva, oscilações emocionais, conflitos freqüentes com a área familiar, mudança rápida de humor.

- Autocrítica exagerada, tanto para o lado positivo como para o negativo.

- Choque com a geração adulta, decorrência da comunicação deficiente (falta de diálogo), da falta de compreensão de parte a parte e da necessidade de auto-afirmação do jovem.

FATORES QUE INFLUEM NO COMPORTAMENTO

O comportamento humano, refletindo o seu psiquismo, apresenta-nos uma multiplicidade de aspectos, de reações particularmente individuais.

Estudos e observações levaram posteriormente a aceitar o comportamento humano como resultante de três fatores:

a) fatores inatos hereditários - os que são definidos no momento da concepção, através dos genes das células reprodutoras;

b) fatores inatos congênitos - influencias sofridas pelo feto durante seu desenvolvimento;

c) fatores adquiridos ou ambientais - educação, hábitos alimentares, clima, etc., cujas influencias estariam limitadas pelo potencial hereditário.

Porém nem todas as infinitas nuances do comportamento podem ser explicadas exclusivamente pela combinação dos fatores hereditários, congênitos e ambientais. A interpretação pessoal dos valores da vida, as múltiplas tonalidades da vida psíquica, a gama dos distúrbios patológicos da mente obriga-nos a novos rumos no estudo dos fenômenos psíquicos. Somente o conhecimento das vidas sucessivas pode alargar os horizontes da Psicologia, justificando a conduta de cada um de acordo não só com aqueles fatores mas também com seu patrimônio espiritual, resultante do acúmulo das suas experiências através das diversas etapas reencarnatórias.

O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

O objetivo visado pela ação educativa é a modificação ou o desenvolvimento de conceitos, valores, atitudes e comportamentos anteriores do educando, tendo em vista seu aperfeiçoamento.

A modificação do comportamento faz-se, normalmente, em função de dois fatores:

a) Maturação ou desenvolvimento biológico

andar, engatinhar. Atividades que não envolvem predominantemente aprendizagem e sim maturação orgânica.

B) Aprendizagem

Seu conteúdo pode ser principalmente:

a) habilidades motoras (fazer tricô por exemplo)

b) intelectuais ou informativas (operações matemáticas, por exemplo)

c) emocionais ou apreciativas (polidez por exemplo)

Ensinar e aprender não são atos que tenham correspondência obrigatória. Muitas vezes o professor ensina, mas não há aprendizagem por parte do aluno, pois houve falha em algumas das condições indispensáveis à aprendizagem.

FATORES DE APRENDIZAGEM

A)Motivação

É a condição interna que leva o indivíduo a ação. Há motivos inerentes à própria vida: fome, sede, necessidade de repouso, oxigênio, sexo, etc., afeição, prestígio, posição social, sentimentos (ódio, inveja, amor,etc).

B)Situação estimuladora

É o conjunto de estímulos (visuais,auditivas, etc) que captam a atenção da criança. Ela é uma situação externa e pode ser despertada pelo evangelizador, aproveitando os interesses e necessidades da criança. Os recursos audiovisuais são excelentes estímulos, mas devem ser dosados para não interferir na percepção das crianças.

C)Percepção

É uma condição interior, pessoal de entendermos e reunirmos os diferentes estímulos e identificarmos como sinais de um determinado objeto ou situação. Enquanto a sensação é uma impressão captada pelos sentidos, a percepção é uma sensação interpretada. Exemplo: Sinto cheiro - sensação olfativa; é o cheiro do perfume que a minha mãe usa - percepção.

A percepção revela ainda o nosso mundo interior e possibilita todas as nossas aprendizagens, evoluindo no ser humano com o desenvolvimento dos sentidos de inteligência e cultura.

Na criança a percepção é sincrética, globalizada, percebe as coisas primeiro como um todo e, mais tarde, chega a análise dos elementos constituintes do ato.

LEIS DA APRENDIZAGEM

1. Discernimento: a criança deve aprender o significado daquilo que está aprendendo para poder aplicar.
2. Ação - a aprendizagem deve envolver atividades em que a criança aplique o que vai aprendendo.
3. Efeito - a atividade da criança surge quando a aprendizagem lhe causa prazer.
4. Facilidade contra Vontade - as aulas deverão estar de acordo com o grau de desenvolvimento mental das crianças, para que não sintam dificuldades para compreender.
5. Globalização - tanto quanto possível, as aulas devem ser interrelacionadas. As minúcias, os pequenos detalhes não importam, o que importa é o significado do conjunto.
6. Intensidade - a lição deve ser transmitida com energia, vigor e entusiasmo.
7. Exercício - a aprendizagem só se completa através do exercício da conduta aprendida.

DIFICULDADES EM EDUCAÇÃO

Com frequência, encontramos crianças com dificuldades de ajustamento à família, à escola e em suas relações em geral.

Agressividade, timidez, mentira, furto, indiferença, rebeldia, são “fantasmas” que desafiam os educadores.

Quando a criança apresenta, no decorrer das aulas, um comportamento desajustado, chegando, por vezes, a impedir a aprendizagem, devemos procurar as possíveis causas que o motivam:

- causas externas:
1. Deficiência do educador
 2. Inadequação da aula ou do ambiente
 3. Excesso de alunos

- causas internas:
1. Instabilidade da atenção
 2. Deficiência de linguagem ou de experiências sociais
 3. Atraso mental
 4. Distúrbios orgânicos
 5. Traumas que dificultam o ajustamento psíquico e afetivo.

Lembremos ainda, que muitas dificuldades educacionais se apresentam em função da bagagem espiritual da criança, carregada de vivências negativas, de infrações a lei do Amor e do Equilíbrio, de vidas pretéritas, que se manifestam na presente encarnação, sob formas de desarmonias, de dificuldades de ajustamento psico-social, exigindo orientação e terapêutica específicas de profissionais especializados.

O educador poderá contribuir na reestruturação desses caracteres. Compreensão, firmeza, paciência, acompanhamento, profundo desejo de ajudar a criança serão os recursos de todos os momentos.

O conhecimento da Doutrina Espírita, tão logo a criança possa alcançá-lo nas suas explicações lógicas das relações causa-efeito, será valioso instrumento de recuperação espiritual.

Na comunicação, isto é, no relacionamento com o educando está a grande força de êxito na educação: saber dizer, saber aconselhar, saber calar, saber perdoar, eis a técnica e a arte de educar.

Disse o psicólogo Haim Ginnot: “A educação do caráter depende de nossas afinidades com os educandos. O primeiro passo deve ser a determinação de tornar-se interessado no que as crianças pensam e sentem intimamente, não apenas em sua aparência e rebeldia. Pode-se iniciar mudanças favoráveis por:

- 1) ouvir com sensibilidade, mostrando que a criança é digna de atenção (estimular o sentimento de valor pessoal);
- 2) evitar observações que provoquem ódios ou ressentimentos, em situações difíceis, os educadores mostram-se mais enérgicos quando exprimem seus sentimentos sem ferir a personalidade ou dignidade da criança;
- 3) orientá-las com solidariedade;
- 4) confiar nela;
- 5) manifestar aprovação pelos progressos realizados.

A atmosfera de simpatia aproxima educando e educador. Os bons exemplos criam o ambiente e o clima necessário. Responsabilidades devem ser dadas de acordo com os graus de maturidade, a fim de que elas venham a consolidar o aprendizado e fazer parte do seu caráter.”

A. Educação Artística

1. Desenho com bastão de cera ou lápis-cera

Material:

- bastões ou lápis de cera em cores variadas, incluindo o branco
- papel jornal ou apergaminhado (branco, preto ou em cores), papel pardo : tamanho mínimo: 24x33

Técnica:

Desenhar livremente.

Ensinar o aluno a usar o lápis ou gizão de cera deitado, não delimitando o desenho.

Levar o aluno a descobrir as possibilidades do lápis branco , principalmente sobre papéis coloridos e pretos, além de ser possível misturá-lo com outras cores, tanto servindo de base como superposto.

2. Desenho com Giz de cor

Material: giz de cor ou pastel, papel branco, em cores ou preto, tamanho mínimo : 24 X33,
goma arábica diluída ou leite

Técnica:

Desenhar livremente.

Como o giz se desprende facilmente, usando o leite ou goma arábica diluída , evita-se este inconveniente, uma vez que o leite e a goma arábica servem como fixador.

Assim, molha-se o papel OU o giz no líquido, antes de desenhar.

3. Desenho com giz no mata borrão

Material: giz de cor, mata-borrão branco ou em cores(tamanho ofício)

Técnica:

Desenho livre sobre a superfície do mata-borrão. A criança poderá obter efeitos diversos com o uso dos dedos, se o desejar.

4. Desenho soprado

Material: guache em cores variadas(sem esquecer do branco), canudos de refresco, papel apergaminhado ou cartolina, de preferência em cores escuras ou preto.

Técnica:

Pingar várias cores de guache e soprar com o canudo.

Esta técnica constitui em um excelente exercício de respiração e deve, se o papel for grande, ser dada em grupo.

5. Desenho com efeito de vitral

Material: papel apergaminhado branco (40 Kg), lápis cera em várias cores, incluindo o branco, tinta de escrever preta ou guache preto

Técnica:

Colorir pequenas áreas no papel, deixando entre elas espaços pequenos em branco, como se fossem ilhas.

Cobrir todo o papel com tinta preta: o branco desaparece, conseguindo-se o desejado efeito de vitral

6. Desenho com carvão

Material: carvão para desenho, papel branco (mínimo 24x33)

Técnica:

Desenhar livremente.

Com a prática, os alunos descobrirão por si mesmos as imensas possibilidades do material e dos recursos a empregar, quando usar os dedos para conseguir tinta cinza, além do preto.

O branco ou pontos luminosos podem ser realçados com toques de borracha ou miolo de pão.

7. Círculo das cores

Material: guache, aquarela, nanquim ou papel celofane

Técnica:

O aluno deve ser instruído na limpeza dos pincéis, para obter bons resultados.

Pede-se, primeiramente, que coloquem azul, vermelho e amarelo em uma forminha de lata ou isopor (por exemplo aquelas de guardar ovos) ou em um pires.

Depois, que misturem duas a duas em uma pequena porção delas. Desta forma obterão cores secundárias e terciárias.

8. DESENHO A BARBANTE

Material: pedaços de barbante, guache bem espesso em cores variados, papel

Técnica:

Mergulha-se os pedaços de barbante no guache

Com eles vai se formando uma composição sobre o papel

O cordão adere ao papel e o desenho fica fixado

Objetivo:

- desenvolver coordenação motora

- desenvolver percepção visual

9. DESENHO COM LÁPIS E VELA

Material: Lápis cera, Papel mais encorpado(40g), Vela

Técnica:

Esquentar o lápis cera na chama da vela

Desenhar sobre o motivo desenhado ou somente deixar pingar várias cores sobre o papel

OBS: Esta técnica sobre papel camurça dá um excelente efeito

Objetivo:

- desenvolver a imaginação criadora
- desenvolver a noção de figura e fundo
- desenvolver a motricidade
- desenvolver o auto domínio, a atenção e a percepção para cores e forma
- dar orientação espacial
- descarregar a agressividade

10. DESENHO EM PAPEL DE SEDA E ÁGUA SANITÁRIA

Material: papel branco, papel seda de qualquer cor, palito, algodão, água sanitária, cola

Técnica:

- Cortar em retângulo de papel de seda
- Colar sobre o papel branco
- Preparar um pincel com algodão amarrado no palito
- Deixar que a criança desenhe o que desejar à medida que vai passando o algodão molhada na água sanitária
- O papel vai descolorindo e aparece o desenho em cor clara

11. MOSAICO

Material: Papel picado ou recortado de várias, cores (pedaços pequeninos), Cola, Pincel, Pinça (opcional), Folhas de papel de 40x60cm, Pincel atômico preto

Técnica:

- Desenhar uma composição grande com poucas minúcias
- Passar cola no desenho
- Colocar os pedacinhos de papel (nas áreas desenhadas e com cola)
- Contornar, depois, o desenho com o pincel atômico

12. TÉCNICA DE "PAPIER MARCHÉ"

Material: Papel, Papelão, Papelão corrugado, Durex, Colas de vários tipos, Óleo de linhaça, Farinha de trigo, Tinta, Pincéis

USO:

Este trabalho deve ser iniciado com objetos que, para sua feitura, oferecem menores dificuldades. Ora, a forma mais fácil de fazer algum objeto de papel é o recorte de um molde, como por exemplo, uma caixinha

Recortada e colada, a caixa é forrada com qualquer papel, como de jornal, e embebida em cola, que poderá ser a cola plástica(cascorés)

Para que o trabalho venha a ter a espessura desejada, é só colar diversas camadas de papel e deixá-lo secar bem, para receber acabamento

Assim, depois de seca, a caixa deverá ser lixada e decorada com pintura ou com partes recortadas de revistas coloridas, o que dá um acabamento interessantíssimo

13. APENAS ATIVIDADE

Material: Uma folha de jornal, Pedaco de barbante ou Fita Adesiva

Modo de Fazer:

Amassar meia folha de jornal, fazendo uma bola achatada.
Colocar a bola no centro da outra metade da folha e envolvê-la, deixando as pontas soltas.
Torcer a folha na altura da bola e amarrar um barbante ou colocar um durex
Pintar com cores alegres com tinta guache, ou tinta para artesanato

14. RECEITA DE TINTA PARA PINTURA A DEDO

Material:

- 01(um) copo e meio de água
- 01(uma) pitada de anilina na cor escolhida
- 01(uma) colher de sopa bem cheia de maisena
- 01(colher) de sobra de sabão em pó

Técnica:

- Colocar um copo de água para ferver, dissolva a anilina na água
- Quando a água ferver, despejar a maisena, já diluída em meio copo de água, mexendo rapidamente, sem parar
- Pronto o mingau grosso, retirar do fogo e adicionar o sabão em pó
- Bater bem
- Esperar esfriar
- Dar para cada criança uma porção pequena.

Obs: Pode-se, também, utilizar as tintas próprias para pintura a dedo compradas prontas.

15. RECEITA DE TINTA GUACHE

Material:

- 01(uma) colher de sopa de gesso
- 02(duas) colheres de sopa de goma arábica
- 02(duas) colheres de sopa de pó de caiação na cor desejada
- 01(uma) colher de sobremesa de glicerina
- 01(uma) colher de lisoforme
- Água em quantidade suficiente para obter a consistência desejada

Técnica:

- Misturam-se os ingredientes na ordem acima.
- A tinta deve ser preparada pelo evangelizador com auxílio dos evangelizados
- Usar: forminhas e vidros , para a tinta
- Água em vidro grande, para limpar os pincéis
- trapos para limpeza

Obs: Pode-se, também, comprar as guaches prontas em papelarias e lojas de materiais artísticos.

16. RECEITA DE MASSA CASEIRA 03

500 g de maizena

100 g de sal

Água suficiente para formar uma pasta

Levar ao fogo para cozinhar até formar consistência e uma cor leitosa

Sovar a massa enquanto estiver morna

Guardar em lugar não exposto ao ar

17. RECEITA DE MASSA CASEIRA 02

04 xícaras de sal

04 xícaras de farinha de trigo

03 colheres de pedra-hume

Anilina à vontade

Água na quantidade necessária para sovar a massa até formar bolhas

Deve ser conservada em vasilha de barro tampada

18. RECEITA DE MASSA DE PAPIER MARCHÉ 02

Deixar de molho por uns 08 dias, alguns jornais ou qualquer papel absorvente, bem picado, trocando a água diariamente

Amassar bem com um pouco de farinha de trigo e cola

Com essa massa modelam-se quaisquer objetos

Depois de seco o trabalho, pinta-se com a tinta desejada

19. RECEITA DE MASSA DE MODELAR DOMÉSTICA

02 xícaras de farinha de trigo

01 xícara de sal fino

02 colheres de sopa de lisofórmio

água

02 colheres de óleo de cozinha

Modo de fazer: Misturar tudo, sovar bem e misturar anilina para colorir(água até dar ponto)

20. MASSA DE MODELAR - Receita 1

Receita 1 (massa de pão)

Material

4 xícaras de farinha de trigo,

1 xícara de sal,

1 e meia xícara de água,

1 colher de (chá) de óleo

Modo de Fazer

Numa tigela, misturar todos os ingredientes, amassar bem até ficar boa para modelar. Guardar em saco plástico ou vidro bem tampado.

Atenção: Esta receita não precisa ir ao fogo. Não seca ao sol, mas você pode colocar as peças modeladas numa forma e pedir para um adulto colocar em forno brando para assar. Depois de assadas, é só pintar com tinta para artesanato ou tinta preparada por você através de nossas receitas

21. RECEITA TINTA NATURAL

Material: Beterraba, Cenoura, Espinafre

Modo de Fazer

Bater no liquidificador, com água, beterraba (para a cor vermelha), cenoura (para a cor amarela), e espinafre (para a cor verde).

Espremer o líquido de cada um num pano e depois coar. Guardar as tintas em vidros e tampar bem.

Atenção: Pintar sobre papéis grossos, utilizando-se de vários tipos de pincéis, esponjas, chumaço de algodão preso num palito ou num lápis, ou então, usar frascos de desodorante vazios, do tipo spray, que cheios de tinta servirão para espirrar no papel preso numa parede ou num cavalete.

Este brinquedo foi tirado do livro: Brinquedo, desafio e descoberta:
subsídios para utilização e confecção de brinquedos / Nylse Helena da Silva
Cunha.

Publicada pela FAE - Fundação de Assistência ao Estudante.

B. Brincadeiras

1. Atividade Psicomotora

Técnica:

As crianças deverão ficar em círculo.

Duas ficam no meio: uma será "argila" ou "barro"; a outra será a escultora.

As crianças em volta sugerem à escultora como trabalhar a "argila" ou "barro".

Por exemplo: "levantar o braço direito"; "dobrar a perna esquerda"; "dobrar o tronco para a frente", etc.

2. Atividade de coordenação viso-motora-auditiva

Técnica:

"Faça o que eu mando, não faça o que eu faço"

As crianças deverão fazer somente o que o evangelizador pedir; NÃO o que ele fizer.

3. Atividade de coordenação viso-motora-auditiva

Técnica:

"Simão ordena"

As crianças deverão somente fazer as coisas quando o evangelizador incluir a frase: "Simão ordena".

Caso contrário, NÃO poderão obedecer as ordens dadas

4. Atividade de coordenação viso-motora-auditiva

Técnica:

Mostrar um quadro ou cartaz com várias figuras em movimento.

Depois, pedir à criança que aponte a figura humana que acabamos de descrever.

Por exemplo: "é um menino que corre virando a cabeça para a direita."

5. Atividade de coordenação viso-motora-auditiva

Material: papel quadrangulado

Técnica:

Propor às crianças que façam ou montem com o evangelizador um desenho, cuja montagem deverá ser realizada seguindo a ordem de : caminhe uma casa para cima; agora duas para a direita, depois três para baixo, etc..

6. Experiências Sensoriais : Olfato

Material: frutas, flores, doces, condimentos variados (por exemplo: pimenta-em-pó; mostarda; canela; baunilha, etc.), galhos de pinheiro, casca de árvore, seiva, folhas, outros que tenham cheiros e o evangelizador achar necessário utilizar.

Técnicas:

Discutir o nariz, as narinas e a respiração e sua importância no nosso contato com o mundo.

Fazer experimentos de respiração através do nariz, da boca, de uma narina de cada vez. Sentir o ar com a palma da mão quando ele sai.

Conversar sobre cheiros – os preferidos e os não apreciados.

Fazer mímica sobre cheiros bons e ruins.

Como mudaria a vida se não fôssemos capazes de cheirar nada, como acontece quando estamos resfriados e o nariz tampado.

Pedir às crianças para dizerem dez coisas que não têm odor algum.

Fazer um passeio pela casa ou pelos arredores e pedir que as crianças descrevam os odores.

Assim como os outros órgãos do sentido, o nariz e as narinas colocam-nos em contato com o mundo; ajudam-nos a entender o que se passa ao nosso redor e a conscientizarmo-nos de nós próprios.

7. Experiência Sensorial : Visão

Materiais: Figuras, desenhos, "posters", água, vidro, celofane, etc.

Técnicas:

- Sentar-se diante de uma flor (ou de um galho, de um pé de alface, de uma folha, ou de uma árvore), numa espécie de estado de meditação: ver o objeto em toda a sua maravilha. O Evangelizador(ou pais) falará de Deus, do que temos à nossa disposição. Pode-se também trazer uma flor de plástico e outra natural e conversar sobre as diferenças entre elas, buscando enfatizar a Perfeição e Bondade do Criador.

- Pedir às crianças que escolham um objeto e fixem o olhar nele por um certo período de tempo; 3 minutos; talvez. Depois, desenhar seus sentimentos ou lembranças evocadas por meio desse exercício meditativo, utilizando apenas cores linhas e formas.

- Fazer experimentos com sensações e tato com os olhos fechados e, então, com os olhos abertos.

- Olhar para as coisas de diferentes perspectivas: de perto, de longe, de cima, de cabeça para baixo, o que ajuda a criança a trabalhar também noção espacial e lateralidade.

- mostrar uma figura (de jornal, revista, etc) às crianças e pedirem que elas façam a cópia de posição. Este experimento desenvolve atenção, concentração, alteralidade, noção espaço-temporal.

- colocar objetos pequenos num prato raso ou bandeja e mostrá-los às crianças. Depois, pedir que elas fechem os olhos. Retirar um objeto e escondê-lo. Mostrar novamente o prato ou a bandeja às crianças para que elas identifiquem o que foi retirado.

VISÃO :

É através da visão que mantemos contato com o mundo que nos cerca e o decodificamos. E também através da visão que aprendemos e conhecemos o ambiente, o que nos ajuda sobremaneira na nossa sociabilização, no desenvolvimento de nosso conceitual e na percepção do outro.

A capacidade de ver os outros claramente expande os nossos horizontes. Parte do processo de recuperar os olhos envolve a tomada de consciência e o fortalecimento do próprio eu, a capacidade de encontrar conforto e familiaridade consigo mesmo, de confiar em si próprio e sobretudo de reconhecimento a Deus por tudo o que Ele nos dá .

8. Experiência Sensorial: Tato

Materiais:

- Argila, tinta(para pintura com os dedos), água, areia, lixas, veludo, pelica, borracha, papel, madeira, pedra, conchas, metal, algodão, cimento, tijolo, feltro, arroz, toalha, tapetes, almofadas, papéis(por exemplo: cartolina, jornal, celofane).

Técnicas:

- Depois de tocar objetos colocados num saco, pedir à criança que pegue coisas ásperas, moles, lisas, etc. O evangelizador, por sua vez, pode tirar algo do saco com essas características , conforme solicitadas pela criança.

- Colocar num saco um lápis, um carrinho de brinquedo, um amendoim, um prendedor de roupa ou de papel, um botão e pedir à criança que tire especificamente um dos objetos sem olhar ou dizer-lhe: "ache algo que serve para escrever."

- Fazer movimento corporais que combinem com a palavra(Exemplos de palavras: ondulado, fofo, escorregadio, mole, duro, liso, grudento, pegajoso, quente, frio, morno, gelado, áspero, esburacado, embaraçado, espinhento, peludo, borrachoso, fino, esponjoso, polposos , acetinado, etc.)

- Conversar sobre o que nos causa alegria ao corpo: abraço de um(a) amigo(a), sobre o que nos machuca o corpo(coisas pontudas, escorregão, tapas, etc)

- Fazer a criança tocar-se e contar como se sentiu tocando. Isto pode ser feito com os olhos abertos ou fechados.

- De duas em duas, pedir que uma das crianças façam um desenho nas costas da outra(uma por vez): sol, lua, casa, etc e a outra deverá adivinhar o que foi feito.

Tato

A capacidade de discriminar através das sensações táteis é uma importante função cognitiva, pois auxilia no desenvolvimento conceitual e favorece o conhecimento de nós próprios.

12. Boca De Palhaço

Material

1 quadrado de compensado de 1 metro por 1 metro, você pode comprar a madeira e lá mesmo pedir que cortem a boca do palhaço

Lápis grafite para desenhar a cara do palhaço Lixa fina para lixar a madeira

Tinta plástica para artesanato.

Modo de Fazer

Desenhar uma cara de palhaço igual ao desenho acima.

No lugar onde fica a boca pedir para um adulto cortar com uma serrinha tico-tico. Lixar a madeira nos lugares onde estão ásperos. Tirar o pó com um pano limpo.
Pintar com a tinta para artesanato todos os detalhes do palhaço. Deixar secar.
Para jogar é só encostar a madeira numa parede, distribuir bolas de borracha, meia ou jornal para a turma e vence quem conseguir acertar todas as bolas na boca do palhaço

13. CASA DE BONECA

Material

Duas caixas iguais de papelão forte.
Papel espelho ou de presente para encapar telhado, porta, janelas, floreiras e chaminés.
Uma caixa de pasta dental para jardineiras.
Uma caixinha quadrada para a chaminé.
Cola.
Retalhos de tecido para cortinas

Modo de Fazer

Desenhar na caixa portas janelas e nas duas tampas menores riscar formando triângulos.
Dobre as tampas menores em triângulos. Apoiar e colar as tampas laterais sobre os triângulos.
Cortar as partes laterais maiores da segunda caixa para usar como telhado.
Recortar no telhado o local da chaminé
Recortar portas e janelas. Forrar com o papel espelho o telhado, a porta, a caixa da chaminé e as floreiras. Colar o telhado sobre a casa e encaixar a chaminé.
Fazer o acabamento, arrematando com tiras de papel o parapeito das janelas e as bordas das janelas.
Colar as floreiras.
Este brinquedo deve ser feito sob a supervisão de um responsável

Este brinquedo foi tirado do livro: Brinquedo, desafio e descoberta: subsídios para utilização e confecção de brinquedos / Nylse Helena da Silva Cunha.
Publicada pela FAE - Fundação de Assistência ao Estudante.

14. Casa De Boneca 02

Material

Quatro caixas iguais de sapatos ou papelão forte.
Papel espelho, presente, contact ou tecido para encapar as caixas, e telhado.
Fita Adesiva
Palitos de sorvete
Cola
Retalhos de tecido para cortinas

Modo de Fazer

Forrar 3 caixas abertas com papel espelho, presente, contact ou tecido.
Unir as caixas colando-as como mostra a figura.
Fazer a grade do terraço com palitos de sorvete colados e depois fixá-la à caixa, prendendo-a com fita adesiva
Fazer o telhado com a quarta caixa desmanchada.
A casa está pronta para brincar

Este brinquedo deve ser feito sob a supervisão de um responsável

Este brinquedo foi tirado do livro: Brinquedo, desafio e descoberta: subsídios para utilização e

confeção de brinquedos / Nylse Helena da Silva Cunha.
Publicada pela FAE - Fundação de Assistência ao Estudante.

15. FANTOCHE

Material

Um lenço ou um retalho de tecido retangular de 30 x 40 cm.
Uma folha de jornal
Um metro de fita.
Retalho de feltro ou tecido lã.

Modo de Fazer

Fazer uma bola com o jornal bem amassado e encapá-la com o lenço ou tecido, colocando-a no centro, no sentido do comprimento. Prenda a bola com um laço de fita (será a cabeça). Fazer um lacinho em cada extremidade do tecido, formando bracinhas e pezinhos. Com o feltro poderá cortar um cone e fazer um chapéu ou cortar mãozinhas e pregar. Também pode recortar em papel ou feltro os olhinhos e boca. Ou fazer com canetinhas coloridas, ou até mesmo colar botões coloridos.

Este brinquedo foi tirado do livro: Brinquedo, desafio e descoberta: subsídios para utilização e confecção de brinquedos / Nylse Helena da Silva Cunha.
Publicada pela FAE - Fundação de Assistência ao Estudante

16. FANTOCHE 02

Material

1 caixa (vazia) redonda (tipo catupiry); duas rolhas para o nariz nas duas faces; cartolina; cola branca; 1 caixa de fósforos para ser o pescoço; tinta para pintar ou canetinhas hidrocor para pintar olhos e boca.
1 tira de feltro para pregar ou colar o cabelo de lã; retalhos de tecidos para a roupa, que esconderá sua mão na hora de brincar; pedaços de fios de lã para fazer o cabelo

Modo de Fazer

Cobrir com a cartolina a caixa de queijo.
Colar a rolha no centro da caixa, de ambos os lados, para formar o nariz das bonecas. De um lado da caixa desenhar olhos e boca sorrindo e do outro lado desenhar olhos e boca triste, assustado ou bravo. Pedir para um adulto costurar a lã no feltro para formar o cabelo ou então, colar com cola branca e deixar secar bem antes de colar na boneca. Colar o feltro na parte superior da caixa para formar o cabelo. Na parte de baixo, fazer uma abertura para encaixar a caixa de fósforo, por onde será manipulada a boneca. Pedir para um adulto costurar a camisola da boneca e pregar no pescoço (que é a caixa de fósforo). Se preferir, pode recortar no feltro mãozinhas e pregar na roupa.
Depois de pronta, é só colocar a mão por dentro da roupa do fantoche, segurar o pescoço (que é a caixa de fósforo) e inventar uma peça de teatro e apresentar para os amigos e família.

Este brinquedo foi tirado do livro: Brinquedo, desafio e descoberta: subsídios para utilização e confecção de brinquedos / Nylse Helena da Silva Cunha.
Publicada pela FAE - Fundação de Assistência ao Estudante

17. Quebra-Cabeça

Material

Três caixas de creme dental iguais e vazias
Duas figuras do tamanho correspondente ao conjunto das caixinhas
Fita Adesiva colorida, Cola. Papel picado

Modo de Fazer

Encher as caixas com papel picado.

Arranjar duas gravuras do tamanho do conjunto de caixas que vão ser a base do quebra-cabeça

Cobrir as laterais das caixas com fita adesiva colorida ou colar papel colorido.

Juntar bem as caixas, passar cola em toda a superfície e colar a gravura unindo as caixas.

Fazer a mesma coisa colando a outra figura do outro lado das caixas.

Com a ajuda de um adulto, uma régua e um estilete, cortar a figura nos espaços entre as caixas, tornando a separá-las.

Este brinquedo foi tirado do livro: Brinquedo, desafio e descoberta: subsídios para utilização e confecção de brinquedos / Nylse Helena da Silva Cunha.

Publicada pela FAE - Fundação de Assistência ao Estudante.

C. Estórias

1. A Vovó Sabe Tudo

I - BRINCANDO E APRENDENDO

Vovó Esmeralda tricotava, enquanto, por cima dos óculos, cuidava de seus netinhos que brincavam na redondeza.

Depois de certo tempo, cansados de brincar cada um por si, os meninos vieram assentar perto de Paula, que lia poesias.

Conversa vai, conversa vem, Paula contou que a poesia que acabara de ler dizia que nascer e morrer são acontecimentos da vida.

Este assunto deixou Luizinho arrepiado que até pedira:

_ Não fale em morte! Eu tenho medo.

_ Mas o que é a morte? Perguntou Roberto com ares de intelectual.

_ Não sei explicar. Disse Paula.

_ Nem eu. Complementou Luizinho.

_ Acho melhor a gente perguntar à vovó...

_ Vamos, a vovó sabe tudo! Concordaram todos.

II - CONVERSANDO COM A VOVÓ

Um após o outro, seguiram até o banco onde vovó os observava.

Tão logo chegaram, vovó Esmeralda perguntou com a sabedoria de quem já viveu muito:

_ O que houve crianças? O que está perturbando vocês?

_ Estou com medo, vovó! Respondeu Luizinho.

_ Medo de que? Perguntou vovó Esmeralda.

Antes que Luizinho respondesse, Paula explicou:

_ Estou lendo uma poesia que diz que nascer e morrer são fatos naturais da vida, aí Luizinho ficou com medo e o Roberto quis saber o que é morte, mas nós não soubemos explicar.

_ Então viemos lhe perguntar. Completou Roberto.

Aparentando indiferença às preocupações das crianças, vovó Esmeralda olhou em volta como se procurasse alguma coisa no jardim.

Continuou em silêncio até que seus olhos brilharam quando encontrou o que procurava.

III - A PASSAGEM

_ Meus queridinhos, olhem que beleza aquela flor! Vejam , continuou a vovó, aquela borboleta como é linda. Observem como a vida está presente por todos os lados. Olhem...

_ Vovó, acho que a senhora não entendeu a nossa pergunta. Atalhou Paula, interrompendo a fala da vovó.

_ Nós queremos saber é o que é a morte.

Vovó Esmeralda com paciência e serenidade de que lhe eram peculiares, respondeu carinhosamente:

_ Meus queridos, não há motivos para vocês se preocuparem tanto assim com esse assunto. Deus, que é Pai bondoso, não permitiria que nos acontecesse coisa ruim. A morte é uma passagem desta vida física para a vida espiritual.

_ Como assim vovó? Quis saber Luizinho que não entendeu bem esta coisa de físico-espiritual.

_ Mas vovó, é verdade que todos...que todos nós vamos morrer? Perguntou Roberto preocupado.

IV - A BORBOLETA

_ Sim, isto é verdade, respondeu vovó Esmeralda. Mas só o corpo morre, e ele é uma sala de aula para o espírito.

_ Como assim?

_ Vejamos a borboleta. Ela passa por vários corpos durante a sua vida para dar o seu vôo majestoso.

_ Vocês conhecem as transformações da borboleta? perguntou a bondosa Esmeralda.

_ Não! Deve ser legal. Conta prá nós vovó. Conta, insistiu Luizinho.

_ A borboleta - diz vovó p nasce inicialmente de um pequeno ovo, a futura borboleta ensaia seus movimentados no desajeitado e irrequieto corpo de uma larva.

V - O SONO PROFUNDO

Treinada nos movimentos, ensaia os passos no corpo, agora transformado, da comilona lagarta.

É hora do sono profundo...

A lagarta, tem dentro de si a futura borboleta. Ela sabe que precisa dormir para a grande transformação. Caminha silenciosa ao local onde deve adormecer. Deixa de ser comilona. Pára, se enrosca e se transforma num casulo, aparentemente sem vida. Morre para o mundo...

Vovó fez uma pequena pausa.

_ E aí vovó? Ela morreu mesmo? Pergunta Paula curiosa.

VI - A METAMORFOSE

_ Não, querida. Sorriu e completou a vovó : É como se ela estivesse trocando de roupas. Passados alguns dias, depois de várias transformações, nasce do casulo inerte a borboleta de extraordinária beleza.

Trêmula, inibida, encara o mesmo mundo em que vivera antes, como se nunca o tivesse conhecido.

Ensaia os primeiros movimentos com suas lindas asas. Va , voa... Olha de cima, o solo em que antes rastejava com seu pesado corpo de lagarta. É a beleza da vida superando a morte...

_ Então morrer é isso vovó? pergunta Roberto.

_ Meus queridos, a metamorfose da borboleta serve apenas para ilustrar o que a vovó quer explicar. Conosco acontece uma transformação parecida apenas.

_ Como assim vovó? Quis saber Luizinho.

_ A nossa vida também continua, independentemente do corpo, que é como o casulo da borboleta. Deixamos para trás ao morrer, mas seguimos com o nosso ser espiritual, a nossa alma, o nosso ser que é imortal...

Continuamos a ser nós mesmos, com nossos pensamentos, nossa personalidade e gostos. A vida não cessa com a morte. A morte é como se fosse uma troca de roupas, assim como a borboleta trocou de corpo.

_ Entenderam? perguntou a vovó.

_ Quase tudo! Responderam todos.

Vovó Esmeralda sorriu um sorriso de quem já viveu muito, de quem é paciente e sabe que vai ter tempo para ensinar e aprender muito mais...

(Morelli, Jaci. in: A Vovó Sabe Tudo. Tema : A morte. Edição Editora Espírita Cristã Fonte Viva. Obra classificada em 2o lugar no I Concurso de Literatura Infantil da AME/BH - publicação devidamente autorizada por editora Fonte Viva)

2. PONTO DE LUZ

Já é madrugada, quando Dona Formiga bate à porta da comadre Joaquina.

- Abra rápido, comadre, sou eu!

- Acalme-se comadre, assim vai quebrar minha porta!

Quando Dona Joaquina abriu a porta, ficou assustada com a palidez da amiga.

- Vamos, sente-se e conte-me o que aconteceu.

Trêmula quase não conseguiu falar, disse:

- Estou apavorada, comadre, não sei o que está acontecendo em casa. Ouço barulhos, passos...

- Mas isso começou quando?

- Já faz dois dias. No primeiro dia, achei que fosse o vento, pois o inverno aproxima-se. Daí, não dei muita importância. Hoje, comadre, vi vultos na plantação e quando abri a janela, não vi ninguém e a lua estava clara.

- Eu sempre disse comadre, que mora longe e aquilo é uma propriedade grande para cuidar dela sozinha.

- Mas o falecido gostava demais daqui. Além disso, distraio-me muito e tento tocar aquilo como se ele estivesse vivo.

- Comadre, deixe disso!

- O que vai fazer para me ajudar?

- Ora, vou com você.

Dona Joaquina separou algumas peças de roupa e colocou em uma sacola, dizendo:

- Vou dormir com você e ver isso de perto. Quando chegaram ao sítio, Dona Joaquina atreveu-se a dar um "pega" na amiga.

- Veja, comadre, você deixou até a porta aberta. Isso é que é facilitar as coisas.

- Sai desesperada, se fosse com você duvido que não ia fazer o mesmo.

- Vamos lá, comadre, você está precisando dormir. Amanhã investigarei.

Assim, naquela madrugada nada aconteceu. D. Joaquina acordou cedo e sem fazer qualquer barulho foi até o quintal onde havia uma plantação de verduras e observou que não havia rastros pelo chão e nenhum sinal de invasão.

Olhou tudo e pensou. Acho que a comadre precisa viajar para espairecer.

- Bom dia, comadre - cumprimentou D. Formiga. O que achou?

- Acho que o vento mesmo.

- Mas tudo isso não acontece só a noite!

- Deixe disso comadre - retrucou D. Joaquina - acha mesmo que é alguém? Se fosse, haveria algum sinal. Venha comigo, fique uns dias em minha casa e logo tudo isso vai passar.

- Não comadre, não posso, tenho muito serviço nesta terra.

- E quando isso acontecer novamente?

- Se me permitir, correrei para sua casa.

- Está bem, estarei a sua espera.

Logo depois que Joaquina saiu, D. Formiga foi cuidar de seus afazeres.

Após o jantar, deitou-se em uma rede, como era seu costume. Enquanto isso pensava...

Nisso, começou o barulho e na parede surge um vulto enorme.

Desesperada, e sem comando nas pernas, pôs-se a rezar. Mas não se lembrava de nenhuma oração, pois nunca ligara para isso. Lembrou-se de Deus! Será que Ele lembrava-se dela?

Afinal já havia muitos anos que nem falava Nele.

- Deus, ajude-me! - conseguiu balbuciar.

Com os olhos fechados, sentiu aproximar-se dela alguém. Reconheceu a voz: era a de seu companheiro.

- Rali! Sou eu!

- Como!? Você já morreu!

- Abra os olhos, não tenha medo!

Vendo seu marido, seus olhos brilharam de alegria.

- Você está vivo?

- Sim, mas não do jeito que você pensa. Rali, perdoa-me o susto que lhe dei, mas não sabia como atrair sua atenção.

- Mas por que você me assustava?

- Para que você pudesse acordar para Deus e as orações.

E prosseguiu ele:

- Este ano, será castigante. E você precisará armazenar muito alimento, pois terá a tarefa de abrigar muitos de nossa espécie. Somente com trabalho, oração e a confiança em Deus é que vencerá.

- Mas como posso fazer isso se estou tão distante de Deus?

- Rali, você pode estar distante Dele, mas Ele nunca ficou distante de você. Mostre aos outros que a vida continua do outro lado, encoraje-os mostrando a bondade de Deus. Coloque dentro do lar um ponto de luz.

- Que ponto de luz?

- Faça o Evangelho no Lar. Chame a comadre e juntas sempre no mesmo dia e horário, estudem as coisas de Deus. Nesses momentos a ajuda Divina será acionada, e assim a luz que vai acender em nosso lar será um auxílio para muitos. Você lembra do meu livro de orações? -

- Foi justamente nele que encontrei-me. Rali, lute, estarei sempre a seu lado.

Quando o companheiro se retirou, Rali correu para seu quarto. Apanhou o livro e começou a ler. Sentiu então uma grande paz. E assim compreendeu que para haver mudanças é preciso mudar sua forma de pensar. Deixou Deus entrar em seu lar.

Quando o inverno chegou, sua casa virou albergue de ajuda aos necessitados.

Hoje, quando alguém pergunta quem é a Formiguinha Rali, alguns dizem:

- Foi alguém que confiou em Deus!

Eu digo a vocês - crianças - que a Formiguinha Rali pode ser qualquer um de nós que acreditar que a mudança se faz de dentro para fora e que nunca é tarde para mudar.

(autora: Tiamara)

3. Cuida do que é mais importante

Era uma vez o jovem que recebeu do rei a tarefa de levar uma mensagem e alguns diamantes a um outro rei de uma terra distante. Recebeu também o melhor cavalo do reino para levá-lo na

jornada. _ Cuida do mais importante e cumprirá a missão! Disse o soberano ao se despedir.

Assim, o jovem preparou o seu alforje, escondeu a mensagem na bainha da calça e colocou as pedras numa bolsa de couro amarrada à cintura, sob as vestes.

Pela manhã, bem cedo, sumiu no horizonte. E não pensava sequer em falhar.

Queria que todo o reino soubesse que era um nobre e valente rapaz, pronto para desposar a princesa. Aliás, esse era o seu sonho e parecia que a princesa correspondia às suas esperanças.

Para cumprir rapidamente sua tarefa, por vezes deixava a estrada e pegava atalhos que sacrificavam sua montaria. Assim, exigia o máximo do animal.

Departamento de Educação Espírita Infantil - USE Regional e Intermunicipal de Rio Preto
gestão 1997/2000 - nair rocha soares

Quando parava em uma estalagem, deixava o cavalo ao relento, não lhe aliviava da sela e nem da carga, tampouco se preocupava em dar-lhe de

beber ou providenciar alguma ração.

_ Assim, meu jovem, acabas perdendo o animal, disse alguém.

- Não me importo, respondeu ele. Tenho dinheiro. Se este morrer, compro outro. Nenhuma falta fará!

Com o passar dos dias e sob tamanho esforço, o pobre animal não suportando mais os maus-tratos, caiu morto na estrada. O jovem simplesmente o amaldiçoou e seguiu o caminho a pé. Acontece que nessa parte do país havia poucas fazendas e eram muito distantes uma das outras.

Passadas algumas horas, ele se deu conta da falta que lhe fazia o animal.

Estava exausto e sedento. Já havia deixado pelo caminho toda a tralha, com exceção das pedras, pois lembrava da recomendação do rei: "- Cuida do mais importante!".

Seu passo se tornou curto e lento. As paradas, freqüentes e longas.

Como sabia que poderia cair a qualquer momento e temendo ser assaltado, escondeu as pedras no salto de sua bota.

Mais tarde, caiu exausto no pó da estrada, onde ficou desacordado.

Para sua sorte, uma caravana de mercadores que seguia viagem para o seu reino, o encontrou e cuidou dele. Ao recobrar os sentidos, encontrou-se de volta em sua cidade.

Imediatamente foi ter com o rei para contar o que havia acontecido e com a maior desfaçatez, colocou toda a culpa do insucesso nas costas do cavalo "fraco e doente" que recebera.

- Porém, majestade, conforme me recomendaste, "cuida do mais importante", aqui estão as pedras que me confiaste. Devolvo-as a ti. Não perdi uma sequer.

O rei as recebeu de suas mãos com tristeza e o despediu, mostrando completa frieza diante de seus argumentos.

Abatido, o jovem deixou o palácio arrasado. Em casa, ao tirar a roupa suja, encontrou na bacia da calça a mensagem do rei, que dizia:

- "Ao meu irmão, rei da terra do Norte! O jovem que te envio é candidato a casar com minha filha. Esta jornada é uma prova. Dei a ele alguns diamantes e um bom cavalo. Recomecei que cuidasse do mais importante. Faz-me, portanto, este grande favor e verifica o estado do cavalo. Se o animal estiver forte e viçoso, saberei que o jovem aprecia a fidelidade e força de quem o auxilia na jornada. Se porém, perder o animal e apenas guardar as pedras, não será um bom marido nem rei, pois terá olhos apenas para o tesouro do reino e não dará importância à rainha nem àqueles que o servem".

(autoria que desconhecemos)

4. Estória de Páscoa

Carlinhos chegou à escola todo feliz:

-Oba! Na próxima semana é o Domingo de Páscoa: que bom, vou ganhar muitos ovos de chocolate!

- Você sabe o que é Páscoa, Carlinhos? - perguntou-lhe a professora.

- Bem - disse ele - acho que é o dia em que nós ganhamos ovos de chocolate do coelhinho da Páscoa, não é?

- Não, Carlinhos, não é isso não. Vamos ver se nós aprendemos hoje o que é a Páscoa.

"Há muito tempo, quando só se conheciam as civilizações antigas, os judeus comemoravam a entrada da primavera, pois era uma época em que os campos se enchiam de flores, o pasto ficava verdinho, anunciando que em breve se poderia fazer a colheita dos frutos, cereais, que iriam garantir o alimento para toda população. Nessa época também os rebanhos aumentavam. Nasceram muitos carneiros, ovelhas e outros animais; por isso os pastores comemoravam com muito amor a chegada da primavera e eles davam a esta festa o nome de Páscoa.

Muito mais tarde, na época de Jesus, ela teve outro significado para o mundo cristão.

Nós sabemos que Cristo, que veio pregar o amor entre as pessoas, não foi compreendido pela maior parte da população e pelos reis da época, motivo pelo qual foi crucificado. Ora, essa crucificação aconteceu na época da Páscoa. Depois de ficar crucificado por três dias, quando foi retirado da cruz, Jesus foi enterrado em um local bem seguro, com uma pedra fechando a entrada deste local, para que o corpo não fosse retirado de lá, durante à noite, por seus amigos. Guardas tomavam conta do lugar, viram à noite que a terra estremeceu e de dentro do lugar onde estava a pedra, Jesus apareceu, conforme havia prometido, que ressurgiria dos mortos, ao 3º dia, provando assim que a vida que Deus nos dá é eterna.

Quando souberam, todos os seus amigos ficaram muito felizes, e como era época das festas de Páscoa (ou festa da primavera) deram a esse fato o nome de Páscoa da Ressurreição, que é comemorada todos os anos pelos cristãos.

- Tudo bem professora. Mas o que o coelho e os ovos têm a ver com tudo isso?

- Vou tentar explicar, Carlinhos. Como você sabe, o ovo é o símbolo da vida. É através dele que todos os animais nascem e se reproduzem. Você já viu quando a galinha choca como nascem os pintinhos que mais tarde serão galos e galinhas também. Com este símbolo temos a representação da Vida Eterna, que foi como Jesus sempre pregou.

- Mas estes ovos que a senhora falou não são de chocolate.

- Certo! Você tem toda razão. Acontece que antigamente para comemorar a Páscoa, as pessoas presenteavam ovos verdadeiros de aves cuja casca era pintada com muito carinho para servir de enfeite e lembrança para a pessoa a quem eram ofertados; porém, esses ovos tinham a desvantagem de se quebrarem e se estragarem com facilidade.

Com a vinda da era moderna, os homens resolveram comercializar a idéia e assim produziram ovos de Páscoa de chocolate, de açúcar, porcelana, alumínio e outros materiais que serviram para conservar a idéia do ovo, com facilidade e vantagem para comemorar a Páscoa da Ressurreição.

- E o coelho?
- Bem, o coelho é o animal que representa o divulgador da notícia da ressurreição do Cristo por ser um animal esperto, rápido e que nos traz sempre a idéia de alegria e felicidade. Assim sendo, juntaram-se as duas figuras Coelho + Ovo de chocolate e crianças ficaram felizes no dia da Páscoa, muitas vezes sem saber o significado desse dia.
- Tem razão professora - disse Carlinhos - eu mesmo não sabia nada disso e achava que o Domingo de Páscoa era o dia em que o coelhinho vinha trazer ovos para a gente. Agora sei da história, já não vou me importar, se não receber nenhum ovo. Chocolate posso comer qualquer dia, mas a lição da Ressurreição de Jesus é um motivo que devo guardar em meu coração e ficar muito feliz por ter acontecido. Espero que no próximo Domingo de Páscoa eu possa comemorar o amor que Jesus nos ensinou com todas as pessoas que conheço.
- Muito bem Carlinhos, porém lembre-se que essa lição é para todos os dias de nossas vidas. Nós devemos amar sempre aos nossos semelhantes. Nos dias de festa, nos dias comuns, nos dias alegres e até nos dias tristes, porque quando respeitamos e amamos as pessoas, nós somos felizes e isso é o que Jesus deseja para todos: "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo"

5. PASSEIO ESPIRITUAL

Oscar e Margarida são irmãos e freqüentam a mesma Escolinha de Moral Cristã. Já estão na idade de compreender que quando dormimos, o espírito pode se afastar do corpo físico ficando ligado por um cordão fluídico.

Oscar perguntou à evangelizadora:

- Dona Célia, se o espírito se afasta do corpo, quando dormimos, aonde ele vai?

Boa pergunta - disse ela - depende Oscar. Às vezes se afasta muito pouco porque não consegue se desligar dos problemas do dia-a-dia, ou por falta de elevação espiritual.

Margarida, também curiosa no assunto, perguntou:

- Mas, Dona Célia, a gente pode passear no Mundo espiritual para aprender?

- Claro. Mas precisa ter merecimento. Quando se tem vontade de evoluir, há um instrutor espiritual que conduz a lugares para a aprendizagem.

O tema foi tão empolgante que o assunto deu continuidade em casa. Os pais que também são estudiosos da Doutrina Espírita, resolveram entrar na conversa.

- Mãe - pergunta Margarida - será que temos merecimento?

- Filha, temos procurado seguir os ensinamentos de Jesus. Nossa ações e sentimentos, temos procurado basear no Evangelho.

- Então vamos pedir que nos permitam viajar na espiritualidade, enquanto dormimos?

- Está bem. Vamos fazer o Evangelho e, se tivermos merecimento, que isso possa acontecer.

Despediram-se para o repouso noturno. Mas, Margarida estava tão ansiosa que não conseguia dormir. Foi preciso que o instrutor lhe aplicasse um passe e, em poucos instantes, já se encontrava desligada do corpo físico. E de mãos dadas seguiam o instrutor. Passaram por um jardim onde as flores eram tão lindas e com um brilho diferente, um riacho de águas cristalinas, belas aves canoras. Que encanto! Cruzaram com outras criaturas e Oscar, não se

contendo, perguntou:

- Mas, todas essas criaturas que estamos encontrando, estão desligadas do corpo físico?

O instrutor, sorrindo respondeu:

- Não. Há entre eles, os desencarnados.

- Mas, como saberemos os que são desencarnados e os que apenas estão desligados do corpo físico? Parecem todos iguais.

- É fácil reconhecer. Os que são encarnados, estão ligados ao corpo físico por um cordão fluídico, que os desencarnados não têm.

Isso chamou tanto a atenção das crianças, que passaram a falar, à medida que cruzavam com as criaturas: este é encarnado, aquele é desencarnado. Aquele encarnado está longe do corpo físico, aquele outro está rente ao corpo. Bem, já está na hora de retornar ao corpo físico. O dia estava clareando e cada um tem seu compromisso do dia. Agradeceram ao instrutor e a Deus pela grande oportunidade e despertaram alegres, bem humorados, e cada qual seguiu sua rotina diária.

(autora: Maria Helena Leite)

6. O PEIXINHO AZUL

Era uma vez um lindo peixinho azul que morava num grande lago de águas azuladas.

Ele tinha companheiros: o peixinho vermelho, o pintadinho, o escamas prateadas, barrigudinho e vários outros também bonitos e interessantes.

Quando o peixinho azul e seus amiguinhos saíam a passear, os velhos moradores do lago azul ficavam contentes e tudo parecia estar em festa.

É que os peixinhos eram muito divertidos!

Nadavam de um lado para o outro iam e vinham agitando as barbatanas ruidosas e esquisitas, davam cambalhotas, saltos enormes e corriam um atrás do outro num engraçado brinquedo de pega-pega.

E o fundo do lago tornava-se movimentado e colorido, cheio de cores vivas e brilhantes. Certa vez, porém, um grande silêncio se fez no fundo do grande lago. As lindas águas azuladas estavam tranqüilas, tão tranqüilas que pareciam paradas.

É que os moradores do lago tinham ido descansar, dormir um pouco.

O silêncio permaneceu por algum tempo.

Nisto, as águas começaram a movimentar-se e apareceu o peixinho azul...

Departamento de Educação Espírita Infantil - USE Regional e Intermunicipal de Rio Preto
gestão 1997/2000 - nair rocha soares

Era mesmo de esperar que fosse ele, pois gostava de nadar.

E lá estava no meio do lago, nadando para cá e para lá, com suas bonitas barbatanas de cor azulada. De repente, o peixinho azul ficou curioso.

_ "Que haverá lá em cima?" pensou. _ "Será tão bonito como aqui?... Vou subir um pouco para dar uma espiadinha".

E assim pensando começou a elevar-se nas mansas e azuladas águas.

A princípio meio assustado, depois mais corajoso, peixinho foi subindo, até que pôs a cabeça fora d'água.

_ Ui! Que susto! gritou todo trêmulo e mergulhando de novo. Que terrível clarão!... Quase fico cego! Mas peixinho não desistiu de ver o que havia fora d'água.

Várias vezes voltou à tona, até que seus olhos se acostumaram com a forte luz que se derramava sobre as águas.

Olhou, então, atentamente, para tudo o que cercava o grande lago.

_ Que maravilha! exclamou entusiasmado. Nunca vi coisa igual!

É que o peixinho azul via o lindo céu azul onde o sol, como uma grande bola de fogo, esparramava seus raios por toda parte, iluminando e aquecendo tudo.

O peixinho azul olhou depois para a praia. Viu a copa das árvores agasalhando passarinhos de penas coloridas e vistosas que saltavam de galho em galho em alegres gorjeios; viu engraçados macaquinhos fazerem as mais incríveis proezas; viu madurinhos frutos e lindas e variadas flores; viu crianças brincarem com pequeninos barcos a beira do lago; e viu um assustado coelhinho perseguido por lanudo cão, enquanto belas borboletas, voando de flor em flor,

cortavam os ares com suas cores brilhantes e vivas.

_ Que lindeza! Que pena meus amiguinhos não estarem aqui! exclamou, de repente.

E assim dizendo, agitou com rapidez as bonitas barbatanas azuladas e nadou para o fundo em busca dos amiguinhos.

Os peixinhos ficaram encantados e faziam perguntas e mais perguntas, tudo querendo saber.

O peixinho azul respondia sempre, todo importante, achando-se mesmo muito instruído. Foi então que barrigudinho indagou, intrigado:

_ Mas afinal, quem fez tanta beleza?

O peixinho azul encabulou. Na realidade, não sabia. Porém, como tinha o bom hábito de dizer a verdade, respondeu logo:

_ Não sei... Também gostaria de saber quem fez aquelas maravilhas.

_ E por que não perguntamos ao nosso rei? Falou peixinho vermelho. Ele sabe tanto!

_ É mesmo! gritaram os outros. Vamos procurá-lo.

E os peixinhos, curiosos e barulhentos, dirigiram-se ao palácio real, uma linda gruta cheias de conchinhas de todos os tipos.

O rei dos peixes apareceu logo e ouviu tudo com muita atenção. Depois falou muito sério:

_ Em minhas viagens a outras águas, tenho visto e aprendido muito. Hoje sei que há seres diferentes de nós e ouvi os homens dizerem que tudo o que existe é obra de Deus, o único Criador de todas as coisas.

_ Deus?! exclamaram os peixinhos a uma só voz.

_ Sim, Deus! tornou a falar o sábio rei. Deus é que fez as belezas que o peixinho azul viu, isto é, o céu, as árvores, as flores, os frutos, os animais, as pessoas...

_ E Deus fez o nosso lago! exclamou o barrigudinho, todo exibido.

_ Ora esta! Então Deus nos fez também! descobriu o peixinho vermelho.

_ Bravos! Bravos! gritaram os peixinhos, entusiasmados e encantados com a nova descoberta.

E o peixinho azul, adiantando-se, muito compenetrado, agradeceu ao rei, em nome de todos, os bonitos ensinamentos recebidos.

Depois, em graciosos movimentos, os peixinhos desfilaram ante a gruta de conchinhas e voltaram a brincar nas águas azuladas do grande lago.

7. Juca Lambisca

(Espírito: Casimiro Cunha)
Para vocês:
"Meus filhos , não somos peixes
e a comida não é isca.
Leiamos juntos a história
Do pobre Juca Lambisca."
Casimiro Cunha,
Uberaba, 17 de maio de 1961.
PRIMEIRA PARTE:
A VINDA DE JUCA
(Psicografia: Francisco C. Xavier)
Rabugento e malcriado,
esperto como fásca
era um menino guloso
o nosso Juca Lambisca.
Toda hora na despensa
pé macio e mão ligeira,
O maroto parecia
um rato de prateleira.
No instante das refeições,
afligindo os próprios pais,
ele comia depressa,
repetindo:-Quero mais!
Gritava:- quero mais peixe!
Quero mais leite e mais pão!
Quero mais sopa no prato,
Mais arroz e mais feijão!
D. Nicota falava,
ao vê-lo sobre o pudim:
- meu filho, escute! você
não deve comer assim.
Mas Juca respondão
gritava erguendo a colher:
- a senhora nada sabe;
eu como quanto quiser.

Na escola, Juca furtava
pastéis , bananas , pepinos,
tomando à força a merenda
das mãos dos outros meninos
.
A vida do nosso Juca
era comer e comer...
mas foi ficando pesado,
e a barriguinta a crescer...
Gabriela, a companheira
da cozinha e do quintal,
falava triste:-Ah! meu Juca,
a sua vida vai mal!
Não valiam bons conselhos
do papai ou da vovó
fugia de todo estudo
queria a panela só.
espíritos benfeitores,
no lar ,em prece ao seu lado,
preveniram, caridosos:
- Meu filho, tenha cuidado.
Mas depois das orações,
o nosso Juca sem fé,
comia restos de prato
na terrina ou no cuité
A todo instante aumentava
a grande comedoria
sujava a cozinha e a copa,
procurando papa fria.
Um dia caiu doente,
e o doutor João do Sobrado
receitou:- este menino
precisa comer regrado.
Mas alta noite ele foge...
e, mais tarde a Gabriela
viu que o Juca estava morto

debruçado na gamela.
Muito triste o caso dele...
coitado! embora gordinho,
o Juca morreu cansado
de tanto comer toucinho.
Segunda parte:
A VOLTA DE JUCA
(Psicografia : Waldo Vieira)
Desencarnado o Lambisca,
na vida espiritual,
estava do mesmo jeito
e o barrigão tal e qual.
Acorda num campo lindo...
e agora que não mais dorme,
vê muita gente a sorrir
por vê-lo de pança enorme.
Tem a impressão de trazer
o peso de um grande bumbo
quer levantar-se porém
a pança cai como chumbo.
Juca xinga nomes feios...
faz brigas , choro e escarcéu
e pede com gritaria
- eu quero subir ao céu!
Surge um espírito amigo,
carinhoso e benfeitor,
que o recolhe com bondade
nos braços cheios de amor.
Deu-lhe as mãos e disse: - Filho,
levante-se, cale e ande,
ninguém sobe a Luz Divina
com a barriga assim tão grande.
Mas o Juca revoltado,
ergue os punhos pesadões
contra tudo e contra todos,

Departamento de Educação Espírita Infantil - USE Regional e Intermunicipal de Rio Preto
gestão 1997/2000 - nair rocha soares

a murros e pescoções.
Depois berra: _ esta barriga
é grandona mas é minha
eu quero comer no tacho,
quero morar na cozinha!

Multidões surgem a ver
o menino barulhento
e o Juca com pontapés,
aumenta o movimento.
Um sábio aparece e fala:
-"o Lambisca não regula,
enlouqueceu de repente
de tanto cair na gula."

Foi preciso então prendê-lo...
amarrado e furioso
o pequeno parecia
um cachorrinho raivoso!
Os protetores, após
guardá-lo em corda segura,
oravam dando-lhe passes
com bondade e com doçura.

Viu-se logo o olhar do Juca
fazer-se brando e mais brando...
o menino foi dormindo
e a barriga foi murchando...
Os amigos decidiram,

assim como um grande povo
que o Juca a fim de curar-se
devia nascer de novo.

Lambisca a dormir, coitado
ele, tão forte e mandão,
renasceu muito pequeno
um simples bebê chorão.

E para esquecer a gula
cresceu doente e magrinho...
só bebia caldo leve,
sem feijão e sem toucinho.

8. O SOL

Se queres tranquilidade,
Bem estar, humor de escol,
Não deixes de ponderar
No esforço da luz do sol.

Contra os males do caminho,
Contra a doença e a tristeza,
Convém a observação
Das forças da Natureza.

Esse sol bondoso e franco,
Que brilha através do abismo,
É bem a fonte amorosa
Do trabalho e do otimismo.

Não vacila em seus deveres,
Tudo chama ao seu calor,

Derrama por toda a parte
Os raios de vivo amor.

Há ruínas entre os homens,
Guerra e sombra entre os ateus?
Acima de tudo, entende
O bem do serviço a Deus.

Milênios sobre milênios...
E amando os lares e os ninhos,
Vem o Sol diariamente
Dar vida nova aos caminhos.

Jamais se desesperou
Ante os pântanos do caos,
Abraçando o mundo inteiro,
Ilumina bons e maus.

Aquecendo a casa nobre
Da metrópole mais bela,
Não esquece a folha tenra
Que surge pobre e singela.

Brilha em tudo para todos,
Sem privilégio a ninguém,
Encontrando o homem do mal
Só sabe fazer-lhe o bem.

*
Esse sol amigo e farto,
Que revigora e ilumina,
Retrata em toda a expressão
A Providência Divina.

(Francisco Cândido Xavier por
Casimiro Cunha)

9. A FAZENDA

O dia vem longe ainda,
Fulgura o brilho estelar...
Mas nos campos da fazenda
É hora de trabalhar.

O dever chama aos serviços
Da luta risonha e sã,
Na divina voz das aves
Que cantam pela manhã.

A tarefa atinge a todos
Nos roçados, no paiol,
Tudo expressa movimento
Precedendo a luz do sol.

Ali, corta-se , acolá
Dispõe-se de novo a leira,

Aqui, combate-se os vermes
Que atacam a sementeira.

Ninguém pára. Todos lutam.
Há cantares da moenda,
Contado a história do açúcar
Nos caminhos da fazenda.

Entretanto, se o programa
É repouso, calma e sono,
Em breve, a propriedade
Vive em trevas do abandono.

Serpentes invadem campos,
Há cipó destruidor,

O mato chega às janelas,
Procurando o lavrador.

Enquanto a enxada descansa
Esquecida e enferrujada,
A casa desprotegida
Prossegue na derrocada.

Quem não vê na experiência
Tão simples, tão conhecida,
A zona particular

Nos quadros da própria vida?

*

Rico ou pobre, fraco ou forte,
Não te entregues à inação,
Que a vida é a fazenda augusta
Guardada na tua mão.

(Francisco Cândido Xavier por
Casimiro Cunha

10. O REGADOR

No trabalho generoso
Que se impõe ao lavrador,
Destaca-se a parte ativa
Que compete ao regador.

Modesto, pronto ao serviço,
Que se deve à horticultura,
Atende bondosamente
A toda sementeira.

Se tarda a chuva amorosa
Para a leiva ressequida,
Vem ele silencioso
E espalha as águas da vida.

É o sublime protetor
Dos germes por excelência,
E no esforço que desdobra
Não conhece preferência.

Não separa ao benefício
Os lírios da couve-flor,
Disposto à fraternidade,
obedece ao Pai de Amor.

Também não pede à batata
Que amadureça num dia,
E exemplifica a esperança
Em paz e sabedoria.

Amigo da sementeira,

Espalha a bondade imensa,
Servindo sem aflições
E dando sem recompensa.

Esforça-se o ano inteiro,
Muitas vezes sem intervalo,
Por cuidar de flores ricas,
Que nunca virão cuidá-lo.

*

No campo de ajuda aos outros,
Atenta no regador,
Onde o Cristo te conduza
Prestando assistência e amor.

Não procures resultados,
Não vivas de inquietação,

Faze o bem, alenta a vida,
E espera da evolução.

(Francisco Cândido Xavier por
Emmanuel. In: Cartilha da
Natureza)

Obs. : Recomendado para 3º
ciclo em diante

11. A BOA ÁRVORE

Nos quadros vivos da Terra,
Desde a sua formação,
A árvore generosa
É imagem da Criação.
É a vida em Deus que nos ama,
Que nos protege e nos cria,
Que fez a bênção da noite,
E a bênção da luz do dia.
Seus ramos são como a infância,
As flores, a adolescência,
Seu fruto, a velhice amiga
Repleta de experiência.
Seu tronco transforma sempre
Toda a lama da raiz,
No pomo caricioso,

Alegre , doce e feliz.
As sementes que renascem,
Com método e perfeição,
São nossas almas na lei
De vida e reencarnação.
Silenciosa na estrada,
Seu exemplo nos ensina
A refletir sobre a Terra
Na Providência Divina.
Se a poda foi rude e forte
Ao rigor do braço humano,
Sua resposta mais bela
É mais frutos no outro ano.
Se tomba desamparada

Ao pulso do lenhador,
Faz-lhe casa, dá-lhe a mesa,
Aquece-o com mais amor.
Dá sombra a todos que passam,
Sem jamais saber a quem,
Colocada no caminho,
Seu programa é sempre o bem.
*
É santa irmã de Jesus
Essa árvore estremeçada:
Se vive, palpita em Deus,
Se morre, transmite a vida.
(Francisco Cândido Xavier por
Emmanuel. In: Cartilha da
Natureza)
Obs. : Recomendado para 3º
ciclo em diante

12. Uma Família de Beija-Flores

"Henrique era um menino de 05 anos. Sempre que podia , ia até a oficina onde seu pai trabalhava .

Um dia, lá chegando, Henrique subiu em uma escada perto do telhado e qual foi sua surpresa ao ver um ninho de passarinho no caibro do telhado!

Quando Henrique ia colocar a mão, Sr. Antônio, o pedreiro que estava reformando a oficina, gritou:

_ Não, Henrique! Não coloque a sua mão aí...

_ Por que, Seu Antônio!?! - perguntou Henrique

_ Filho, este é um ninho de Beija-flor; há dias a mamãe beija-flor esta fazendo este ninho e ela não deve demorar a colocar os ovos; mas se você colocar a mão, ela abandonará o ninho - explicou Sr. Antônio

_ Ué, e aonde foi a mamãe beija-flor?

_ Ela foi se alimentar. Vc sabe como eles se alimentam?

_ Não, como é?

_ O beija-flor se alimenta do néctar. Néctar é um líquido açucarado que certas plantas soltam e quando a mamãe Beija-flor voltar, ela irá trazer mais galhos e raminhos para colocar no ninho e torná-lo mais macio ainda, mas se vc tocar no ninho ela irá abandoná-lo..ok?

_ tá legal. Seu Antônio, e quando irão nascer os filhotinhos Beija-flores?

_ Ah! Filho , primeiro a mamãe beija-flor ira colocar os ovos, depois eles serão chocados e aí o filhotes irão nascer.

_ oba!! vou vir sempre pra ver como está ficando o ninho e ver tb os filhotes nascerem!! Quero ver como é que é isso, sabe?

_ Sei sim, filho, sei sim.... respondeu Sr. Antônio alegremente.

Assim, Henrique obedecendo ao Sr. Antônio não colocou suas mãos no ninho e passou sempre a perguntar a seu pai como estava a mamãe Beija-flor, se já havia sido colocado os ovos ... Seu pai sempre lhe dizia que ainda estava tudo na mesma...

Até que um dia, seu pai chegou em casa com novidades...

"(...)

Henrique, tão logo ouviu seu pai falar sobre novidades, foi logo perguntando:

- _ Conta, Pai, conta!! OS filhotes Beija-flores nasceram? estão bem? são muitos? como eles são?
- _ Calma, filho, uma pergunta por vez - respondeu seu pai . Beem, os filhotes beija-flores nasceram, eles vieram em dupla, temos dois filhotes no ninho e eles estão bem. Quer ir comigo amanhã à oficina para ver?
 - _ Oooooobbbbbbaaaaa! Claro que quero, Pai - disse saltitante Henrique
- No dia seguinte, após a escola, lá foram Henrique e seu pai para a oficina.

Henrique ao ver os filhotes beija-flores ficou empolgado e pensativo ao mesmo tempo....e , após um tempo curto, perguntou:

- _ Papai, Sr. Antônio, quando os filhotes ficarem grandes eles irão embora?
Sr. Antônio respondeu:
 - _ Filho, nessa época do ano há poucas flores por aqui e os filhotes quando crescerem irão em busca de um local onde poderão se alimentar. Vc se lembra que expliquei a você qual era o alimento deles?
 - _ Lembro sim, Seu Antônio. Mas queria tanto tanto que eles viessem pelo menos de vez em quando aqui...
 - _ Poderemos, então, fazer o seguinte: compraremos um alimentador de beija-flor e eles poderão vir sempre por aqui, o que vocês acham?
 - _ Ooobbaa! Boa idéia , Seu Antônio - respondeu Henrique - Mas...como é um alimentador de beija-flor?
 - _ É um potinho onde colocamos água com um pouquinho de açúcar para eles poderem tomar; mas aí você irá ficar responsável por sempre verificar como está este potinho, certo?
 - _ Tá certo, sim. fico sim tomando conta. Assim poderei sempre ver os beija-flores...
- E assim fizeram eles e aquela família de beija-flores ficou morando na oficina e Henrique aprendeu a como cuidar dos pequeninos pássaros."

13. A BALANÇA

Quando menino eu vivia brigando com meus companheiros de brinquedos. E voltava para casa lamuriando e queixando-me deles. Isto ocorria, as mais das vezes, com Beto, o meu melhor amigo.

Um dia, quando corri para casa e procurei mamãe para queixar-me do beto ela me ouviu e disse o seguinte:

- _ Vai buscar a sua balança e os blocos.
- _ Mas o que tem isso a ver com o Beto?
- _ Você verá... Vamos fazer uma brincadeira.

Obedeci e trouxe a balança e os blocos. Então ela disse:

- _ Primeiro vamos colocar neste prato da balança um bloco para representar cada defeito do Beto. Conte-me quais são.
Fui relacionando-os e certo número de blocos foi empilhado daquele lado.
- _ Você não tem nada mais a dizer? Eu não tinha e ela propôs: Então você vai, agora, enumerar as qualidades dele. Cada uma delas será um bloco no outro prato da balança.

Eu hesitei, porém ela me animou dizendo:

- _ Ele não deixa você andar em sua bicicleta? Não reparte o seu doce com você?

Concordei e passei a mencionar o que havia de bom no caráter de meu amiguinho. Ela foi colocando os blocos do outro lado. De repente eu percebi que a balança oscilava. Mas vieram outros e outros blocos em favor do Beto.

Dei uma risada e mamãe observou:

- _ Você gosta do Beto e ficou alegre por verificar que as suas boas qualidades ultrapassam os seus defeitos. Isso sempre acontece, conforme você mesmo vai verificar ao longo de sua vida.

E de fato. Através dos anos aquele pequeno incidente de pesagem tem exercido importante influência sobre meus julgamentos. Antes de criticar uma pessoa, lembro-me daquela balança e comparo seus pontos bons com os maus. E, felizmente, quase sempre há uma vantagem compensadora, o que fortalece em muito a minha confiança no gênero humano.

(Wallace Leal V. Rodrigues. In: E Para o Resto da Vida...)

14. JUQUINHA, O "MAIORAL"

"Era uma vez, uma rua conhecida como a rua da Meninada, pois lá tinha muitas crianças , que sempre estavam a , depois do colégio, brincar juntas na rua.

Mas, tinha por lá um menininho chamado Juquinha.

Ele tinha roupas bonitas, muitos brinquedos, morava numa casa grande, com jardim, e por isso se achava o menino mais importante da rua, o mais bonito, o mair forte.

As outras crianças da rua moravam em casas simples, não tinham muitas roupas bonitas e nem muitos brinquedos como o Juquinha.

Assim, Juquinha não gostava de brincar com os amiguinhos e vivia gritando:

Departamento de Educação Espírita Infantil - USE Regional e Intermunicipal de Rio Preto
gestão 1997/2000 - nair rocha soares

_ Ninguém vai pegar meus brinquedos! Eu sou o menino mais forte desta rua! Sou mais importante que vocês! Todos vocês são uns bobos, só têm brinquedos feios, vivem sujos e, por isso, não vão brincar comigo. E se chegarem muito perto vão apanhar...

Os coleguinhas do Juquinha ficavam muito tristes...

Até que um dia..."

"Um dia, mudou para a rua um menino chamado Marquinhos.

Ele era magrinho, tinha um rostinho alegre, mas também não tinha muitas roupas bonitas e nem brinquedos complicados; aliás só possuía um carrinho de madeira.

Pela manhã, depois de ter ajudado seus pais a terminarem de arrumar a casa depois da mudança, lá foi o Marquinhos para a rua quando viu a criança.

Ele chegou na rodinha e foi logo dizendo:

_ Ois, eu sou o Marquinhos e acabei de mudar para aquela casa ali. Posso brincar com vcs?

As crianças acharam o Marquinhos super simpático e alegre e logo responderam:

_ Pode, claro - disse André

_ Vem sim, mas não temos brinquedos chiques - falou Manezinho

Marquinhos então propôs:

_ Olha, eu tenho um carrinho de madeira e se a gente for juntando o brinquedo de cada um podemos brincar bastante...

_ Boa idéia! -disse Felipe - eu tenho um posto de gasolina, vou buscar

_ Eu tenho um caminhão - disse André

_ Eu vou pegar areia e pedrinhas - falou Manezinho

E , assim, todos brincaram com muita alegria

Mas... Tinha alguém que não estava brincando. Apenas estava olhando do portão de sua casa. "

Alguém estava apenas observando os meninos se divertirem com a brincadeira , sem nem mesmo prestarem atenção que ele estava apenas no portão de sua casa...

Sim....era ele, o Juquinha...

Juquinha se sentiu super triste, pois viu que estava sozinho, sem ninguém para brincar e foi correndo falar com sua mãe, Dn Joana:

_ Mãe, eu não tenho amigos. Ninguém gosta de mim...

_ Que você fez com seus coleguinhas, Juquinha? _ perguntou sua mãe

_ Eu não fiz nada não, cheguei na rua e eles estavam brincando lá com os brinquedos feios deles e nem me viram...

_ Mas por que então vc não chegou até eles, meu filho? Eles deviam estar apenas distraídos...

_ Se eu chegasse eles iriam querer meus brinquedos e coisas bonitas, porque eles não têm coisas bonitas como as minhas, por isso eu sou melhor que eles e não vou ficar emprestando minhas coisas não...

_ Meu filho, isso não está certo. Mesmo quando a gente tem muitas coisas, muito dinheiro, muitos brinquedos, a gente deve ser simpático e agradável. Veja: aquele menino que se mudou ontem para a rua, ele já se enturmou com alegria, simplicidade e compreensão... Ele não precisou de muitos brinquedos, apenas de um coração simples. Por que você não procura seus coleguinhas e pede desculpas? Se você for menos egoísta e não ficar contando vantagens eles irão desculpá-lo...

_ Será, mãe!? Mas eles não têm nada , sempre são os meus brinquedos que eles querem... eles não gostam de mim...

_ Por que vc não experimenta? Assim saberá não é? - disse compreensivamente sua mãe.

Juquinha foi para seu quarto e, olhando pela janela, pensando....pensando... e decidiu tentar seguir o conselho de sua mãe.

Assim, Juquinha foi até onde estavam os meninos brincando e pediu desculpas por não ter emprestado seus brinquedos, mas que estava trazendo agora mais algumas coisas para poderem incrementar a brincadeira.

Os amiguinhos do Juquinha ficaram muito felizes em ver que ele estava se modificando e , a partir daquele dia, Juquinha percebeu que ninguém era o "maioral" da rua, nem o mais bonito e nem o mais

rico."

(fonte: Ame/JF)

15. PEDRO , O FLAMENGO

Conta Kardec: Um de nossos amigos, depois de longas e infrutíferas tentativas, viu triunfar sua paciência, ao tornar-se, de repente, excelente médium psicógrafo e, mais tarde, médium audiente.

Certa vez, em reunião que realizava em companhia de um amigo, também médium, foi evocado determinado espírito, ao qual fizeram algumas perguntas, mas pelas respostas psicografadas, não se reconhecia o caráter do evocado...

_ ... parece-me que algo está errado! ... Em nome de Deus, diga-me: quem és?

_ Pedro, o Flamengo

_ ... Não conheço ninguém com esse nome.

_ Sou um de teus antigos colegas de colégio

_ ... Não guardo a menor lembrança.

_ Não te recordas de uma surra que um dia levastes?

_ ... Sim, recordo-me disso, mas lembro-me também de que paguei na mesma moeda...

_ Pois era eu... Hoje não repetiria...

_ ... Tudo bem, mas, pelas minhas lembranças, não eras o que se pode chamar de um bom rapaz...

_ Sim, brigava com qualquer um, mas não era por maldade, era uma espécie de necessidade.

_ ...Quando e com que idade faleceste?

_ Há quinze anos... morri com uns vinte de idade, coisas de moço desmiolado.

_ ...Ainda tens família?

_ Cedo, perdi pai e mãe, morava com um tio, único parente...Se fores a Cambrai, não deixes de procurá-lo, é excelente pessoa, que muito estimo, embora me haja tratado com dureza, que eu merecia. O endereço é: rua...
Comentário de Kardec: A veracidade dessas informações foi comprovada pelo próprio médium, tempos depois.

_ ... Foi por acaso que vieste à minha casa?

_ Por acaso se quiseres.

_ Estou convencido de que foi meu bom gênio quem me empurrou até aqui; tenho a impressão de que só temos a lucrar com o nosso encontro. Estava aqui ao lado, na casa de teu vizinho, entretido com uns quadros e... de repente, te vi e... aqui estou!
Vi que proseavas com outro Espírito e quis meter-me na conversa.

_ Por que respondeste às perguntas feitas ao outro Espírito?

_ Era um Espírito sério que não parecia disposto a responder; respondendo por ele, esperava força-lo a falar.

_ Se eu não houvesse percebido a fraude poderia ter apresentado resultados desagradáveis.

_ Tu descobririas.

_ Conta-me, como entraste aqui?

_ Ora bolas! Achas que temos necessidade de nos fazer anunciar?

_ Então podes ir a toda parte e entrar?

_ Na maior tranquilidade

_ Pelo que sei, nem todos os Espíritos podem penetrar em todas as

Departamento de Educação Espírita Infantil - USE Regional e Intermunicipal de Rio Preto
gestão 1997/2000 - nair rocha soares

reuniões...

_ Pensas, por acaso, que tua sala é um santuário no qual sou indigno de penetrar?

_ Responde com seriedade e deixa de brincadeira; os Espíritos mistificadores não são bem recebidos em minha casa.

_ Há reuniões de espíritos nas quais nós, desclassificados, não podemos penetrar, é verdade; mas são os Espíritos Superiores que nos impedem não vós, os homens. De mais a mais, quando vamos a alguma parte, sabemos permanecer a distância, se necessário, e ficar em silêncio, escutamos e se não gostamos, retiramo-nos.

_ Eis que está morto há quinze anos...

_ Alto lá! Quem está morto é o meu corpo, mas EU que te falo, não estou morto.

Comentário de Kardec: Quer entre Espíritos sem expressividade, quer entre os mais grosseiros, ouvem-se, muitas vezes, palavras de grande profundidade! Este EU que não está morto é pura filosofia.

_ Há quinze anos estás morto, mas pareces tão sem juízo como antigamente; não progrediste, por ventura?

_ Sou aquilo que era: nem pior nem melhor.

_ Como passas o tempo?

_ Não tenho outras ocupações senão a de me divertir ou de me informar a respeito dos acontecimentos que podem influenciar meu destino.

Observo muitas coisas. Passo parte de meu tempo, às vezes, em casa de amigos... Às vezes em teatros... Às vezes surpreendo coisa hilariantes... Se as pessoas soubessem as testemunhas que têm, quando julgam estar a sós!... Enfim, procedo de maneira a que o tempo me pese o menos possível... Não sei dizer quanto isto vai durar, e, no entanto, permaneço assim há bastante tempo...

_ Que é que te falta? Não tens mais necessidade de nada; não sofres mais, vais a toda parte e tudo vês. Não tens mais como o que te preocupares, nem com doenças, nem com achaques próprios da velhice, não será isto uma existência feliz?

_ Falta-me a realidade dos prazeres; não sou suficientemente elevado para usufruir a felicidade moral; desejo tudo que vejo, e isso me tortura. Aborreço-me e procuro matar o tempo como passo!... Como é longo o tempo! Fico numa inquietude, que não posso definir..., preferiria sofrer as misérias da vida, que essa ansiedade que me confunde.

Comentário de Kardec: Não é isto um quadro eloquente dos sofrimentos morais dos espíritos inferiores? Desejar tudo quanto vêem; ter os mesmos desejos e, em realidade, não gozar nenhum deles; deve ser uma verdadeira tortura."

_ Disseste que ias ver os amigos; isso não é uma distração?

_ Meus amigos não suspeitam que estou ao lado deles; não pensam mais em mim e isto me faz sofrer.

_ Não tens amigos entre os Espíritos?

_ Entre os insensatos, os inferiores como eu que vivem desgostosos; a companhia deles não é muito divertida; os Espíritos felizes e equilibrados afastam-se de mim.

_ Pobre rapaz! Eu te lamento e, se puder ser-te útil, sê-lo-ei, com prazer.

_ Se soubesses como essas palavras me fazem bem! É a primeira vez que as escuto.

_ Não poderias procurar as oportunidades para ver e escutar coisas boas e úteis que servissem ao teu progresso?

_ Sim, mas para isso, necessário fora que soubesse tirar proveito das lições. Confesso que prefiro presenciar cenas de amor e deboche, que não influenciam meu espírito para o bem. Entretanto, soube resistir a formular um pedido de reencarnação para gozar os prazeres de que tanto abusei; agora, vejo quanto teria errado. Vindo à tua casa, sinto que fiz bem.

_ Quando vais ao teatro experimentas as mesmas emoções que tinhas quando vivo?

_ Diversas! Inicialmente, as dos tempos de vivo, depois, misturo-me, algumas vezes, nas conversas dos outros... e ouço coisas singulares.

Departamento de Educação Espírita Infantil - USE Regional e Intermunicipal de Rio Preto
gestão 1997/2000 - nair rocha soares

_ Qual é o teu teatro predileto?

_ "Les Varietés", mas muitas vezes, visito todos na mesma noite. Vou também aos bailes e às reuniões onde se diverte.

_ ...Divertindo-te, não podes também instruir-te, já que, na condição em que estas, podes observar à vontade tanta coisa?

_ Sim, mas o que gosto mesmo é de certos colóquios, é verdadeiramente curioso observar o comportamento inábil de determinados indivíduos, especialmente dos que ainda querem passar por jovens. Ninguém diz a verdade; o coração se disfarça assim como o rosto. A respeito disso, fiz um estudo dos costumes.

_ Gostaria de oferecer-te uma oportunidade para praticares uma boa ação, queres?

_ De todo o coração! Deverei servir para alguma coisa! Dize-me, depressa o que devo fazer!

_ Devagar! Estudarei o problema e falaremos sobre isso noutra oportunidade.

_ Até logo

Assim transcorreu a primeira palestra.

Comentário de Kardec: Não menos interessante foi a Segunda, uma semana depois, vejamos.

_ Então, meu caro Pedro, refletiste seriamente sobre o que dissemos outro dia?

_ Mais seriamente do que imaginas; decidi provar-te que valho mais do que pareço. Sinto-me mais a vontade desde que arranjei alguma coisa para fazer. Tenho agora um objetivo e não me aborreço mais.

_ Falei a teu respeito com o Senhor Allan Kardec; comuniquei-lhe nossa conversa e ele ficou muito contente e deseja entrar em contato contigo.

_ Eu sei disso; fui a casa dele.

_ Quem te levou até lá?

_ Teu pensamento. Voltei aqui no dia seguinte e, vendo que tu lhe querias falar a meu respeito, disse a mim mesmo: vou lá de uma vez; provavelmente descobrirei alguma coisa para ser observada e, talvez, uma oportunidade de ser útil.

_ Gosto de ver-te com esses pensamentos sérios. Que impressão te causou a visita?

_ Oh! Muito grande! Aprendi coisas de que nem suspeitava e que me esclareceram muito a respeito de meu futuro. Foi uma luz que se fez em mim. Compreendo agora tudo o que tenho a ganhar, se me aperfeiçoar...É necessário...

_ Se não for indiscreção, posso perguntar-te o que viste?

_ Tal como acontece nas outras casas que visito, há coisas que não quero...e outras que não posso contar.

_ Como explicas isso? Tu não podes dizer tudo o que queres?

_ Não, de uns dias para cá, vejo um Espírito que parece seguir-me por toda parte; que me estimula ou me contém. Dir-se-ia que me dirige. Sinto um impulso que não sei descrever e ao qual sou obrigado a obedecer. Se quero dizer ou fazer alguma coisa inconveniente, coloca-se diante de mim...olha-me...eu me calo... e paro.

_ Quem é esse Espírito?

_ Não faço a menor idéia, mas ele me domina. Deve ser bom, pois impede-me de dizer tolices... Às vezes imagino ser o Espírito de meu bom pai, que deseja ocultar-se.

_ É provável. Sabemos que os pais têm por missão educar os filhos e dirigí-los no caminho do bem até certo ponto, a conduta dos filhos influi na felicidade dos pais, mesmo depois da morte. Na certa, deseja ajudar-te no bom caminho em que acabas de entrar.

_ Ele está atrás de ti... Colocou a mão sobre a tua cabeça, como se ditasse palavras que acabas de dizer.

_ Voltemos ao Sr. Allan Kardec

_ Fui à casa dele ante-onde à noite. Estava ocupado escrevendo em seu gabinete... Trabalhava numa nova obra que prepara... Ah! Ele nos descreve com perfeição, a nós, pobres Espíritos; Se alguém não nos conhece, não é por culpa dele.

_ O Sr. Allan Kardec estava só?

_ Sim, isto é, não. Havia com ele pessoas; Rodeava-o, porém, uma vintena de Espíritos que murmuravam acima de sua cabeça.

_ Ele os escutava?

_ Tão bem que olhava para todos os lados de onde vinha o ruído, para ver se não se tratava de milhares de moscas. Depois, abriu a janela para ver se não seria o vento ou a chuva.

nota: Mais tarde, Kardec confirmaria todos esses fatos.

_ Eu, atento, num canto, tudo observava.

_ Os Espíritos pareciam interessar-se pelo que Kardec escrevia?

_ Não tenho dúvida! Sobretudo dois ou três, que sugeriam o que ele escrevia e demonstravam ouvir a opinião dos outros. Acreditava que as idéias eram realmente dele, o que parecia agradá-lo.

_ Depois deixei a assembléia e, vagando pelas ruas, divertia-me diante das lojas.

_ Então em vez de te ocupares de teus afazeres, perdias teu tempo?

_ Não o perdi, pois evitei que se consumasse um roubo.

_ Ah! Bancas também a polícia?

_ Por que não? Passando diante de uma loja fechada, observei que, dentro dela, acontecia algo errado... Entrei e vi um moço muito agitado, que andava de um lado para o outro com jeito de quem pretendia ir à caixa do negociante. Havia com ele dois Espíritos, um dos quais lhe soprava ao ouvido: "vá em frente covarde! A gaveta está cheia." O outro: "Vá embora! Não te deixes tentar! Cuidado com a prisão! a desonra!" O primeiro tornava a dizer: "A gaveta está cheia! Dê só uma olhada! Poderá divertir-te à vontade!"

O moço hesitava. Quando se aproximava da caixa de dinheiro, meti-me diante dele para o fazer parar. O mau Espírito interveio...: "Ei, você! Não se meta nisso!"

Ao que respondi: "Quero impedir que ele vá parar na prisão!"

Então o bom Espírito aproximou-se de mim e me disse: "É preciso que ele experimente a tentação, É uma prova, se sucumbir será por culpa dele."

O ladrão estava quase desistindo, quando... o mau Espírito apontou-lhe e lhe disse: "Ei, olhe ali! Que tal um gole? Quem sabe te dará um pouco mais de coragem?"

Pensei: Oh, não! O infeliz está perdido! Tenho que pensar em alguma coisa. Sim!...Avisarei ao Dono da Loja!

Num ápice, lá estava eu, no andar superior do prédio.

Ele jogava cartas com a mulher.

Preciso fazê-lo descer até à loja...

Enquanto isso sua mulher falava a ele: "Jogue "limpo", sim Jacques!!"

Pensei e fiz com que... ele espirrasse...

E isso lhe deu a idéia: : hum-hum!! O rapé... onde ...onde é que deixei a caixa de rapé?... Jean-Claude... Jean-Claude! Vá até a loja e pegue minha caixinha de rapé."

Ora... não era bem isso que eu queria! Soprei à mãe uma nova idéia...

Ela então disse: "Não incomode o menino! Por que você mesmo não vai?"

"_ Está bem, eu mesmo vou "- disse o comerciante

_ Hum! resmungou sua esposa

Pensei: - Ótimo! e segui-o, para que fosse mais depressa.

Chegando à porta, percebeu que havia luz na loja, e ouviu ruídos!

Ficou apavorado e as pernas tremiam!

Eu, então, pensei fortemente:

_ Entre, entre, seu molenga!

Ele, então, começou a gritar: "_ Ladrão! Ladrão!" e viu o rapaz fugir.

O ladrão fugiu e o comerciante, graças ao medo, livrou-se do roubo, que não se consumou. Retornando, disse haver derrubado um homem de seis pés de altura,

e falou à esposa: _ "Se eu não tivesse tido a idéia de ir buscar o rapé..."

Ao que ela retrucou: -" Se eu não te houvesse impedido de mandar o menino!... Convenhamos que nós dois fomos previdentes!" _ "Isso é que foi

sorte! "- respondeu o comerciante.

_ Eis, meu caro, como nos agradecem!

_ És um generoso rapaz, meu caro Pedro! Não te desanimes com a ingratidão dos homens, experimentarás muitas outras. Eu te disse que te queria propiciar a prática de uma boa ação. Estás disposto?

_ Duvidas?

_ Um de meus amigos está ameaçado por grandes decepções, se continuar a seguir o mau caminho no qual se meteu. Gostaria que tentasses reconduzi-lo ao bom caminho através de alguma coisa que o impressione vivamente. Compreendes?

_ Sim. Gostarias que eu me manifestasse a ele através de uma aparição, por exemplo. Não tenho poderes para isso. Mas, algumas vezes, quando recebo permissão, posso dar provas sensíveis de minha presença, como sabes.

Comentário: O médium ao qual o Espírito Pedro, o Flamengo está ligado indentifica-lhe a presença através de uma impressão muito sensível, uma sensação de que alguma coisa está roçando seus braços, suas costas e espáduas; outras vezes, porém, os efeitos são mais enérgicos.

Numa reunião, em nossa própria casa, no dia 29 de março último, o Espírito Pedro respondeu a diversas perguntas por outro médium. Falava-se de seus poderes físicos; de repente, como se desse uma prova, agarrou com força, pela perna, um dos assistentes, deu-lhe uma violenta sacudida, ergueu-o da cadeira e o atirou completamente tonto ao outro lado da sala.

_ Farás o que quiseres, ou melhor, o que puderes. Previno-te que meu amigo tem certa mediunidade.

_ Melhor ainda

_ Agradeço-te e te felicito pelos teus bons propósitos. Ficarei aguardando os resultados de tua missão.

_ Assim que tiver notícias, voltarei. Obrigado por tudo! Até breve!

Assim termina essa rica narrativa de Allan Kardec..."

(fonte: A História de Um Espírito. extraído da Revista Espírita maio de 1859 -original redigido por Allan Kardec - Instituto Maria - JF/MG - Olívrio é em história em quadrinhos super interessante para se ter e encontra-se nas Livrarias Espíritas)

16. A GALINHA AFETUOSA

"Gentil galinha, cheia de instintos maternos, encontrou um ovo de regular tamanho e espalmou as asas sobre ele, aquecendo-o carinhosamente. De quando em quando, beijava-o enternecida. Se saía a buscar alimento, voltava apressada, para que lhe não faltasse calor vitalizante. E pensava, garbosa:

_ Será meu pintainho! Será meu filho!
Em formosa manhã de céu claro, notou que o filhotinho nascia, robusto. Criou-o, com todos os cuidados. No entanto, em dourado crepúsculo de verão, viu-o fugir pelas águas de um lago, sobre as quais deslizava contente.

Chamou-o, como louca, mas não obteve resposta. O bichinho era um pato arisco e fujão. A galinha, desalentada por haver chocado um ovo que lhe não pertencia à família, voltou muito triste, ao velho poleiro; todavia, decorrido algum tempo e encontrando outro ovo, repetiu a experiência.

Nova criaturinha frágil veio à luz. Protegeu-a, com ternura, dedicou-se ao filho com todas as forças, mas, em breve, reparou que não era um pintainho qual fora, ela mesma, na infância. Tratava-se dum corvo esperto que a deixou

em doloroso abatimento, voando a pleno céu, para juntar-se aos escuros bandos de aves iguais a ele. A desventurada mãe sofreu muitíssimo. Entretanto,, embora resolvida a viver só, foi surpreendida, certo dia, por outro ovo, de delicada feição.

Recapitulou as esperanças maternas e chocou-o. Dentro em pouco, filhote surgia. A galinha afagou-o, feliz, com o transcurso de algumas semanas, observou que o filho já crescido perseguia ratos à sombra. Durante o dia, dava mostras de perturbado e cego; no entanto, em se fazendo a treva, exibia olhos coruscantes que a amedrontavam.

Em noite mais escura, fugiu para uma torre muito alta e não mais voltou. Era uma coruja nova, sedenta de aventuras."

A abnegada mãe chorou amargamente. Porém, encontrando outro ovo, buscou ampará-lo. Aninhou-se, aqueceu-o e, findos trinta dias, veio à luz corpulento filhote. A galinha ajudou-o como pôde, mas, em breve, o filho revelou crescimento descomunal. Passou a mirá-lade alto a baixo. Fez-se superior e desconheceu-a. Era um pavãozinho orgulhoso que chegou mesmo a maltratá-la.

A carinhosa ave, dessa vez, desesperou em definitivo. Saiu do galinheiro gritando e dispunha-se a cair nas águas de rio próximo, em sinal de protesto contra o destino, quando grande galinha mais velha a abordou, curiosa, a indagar dos motivos que a segregavam em tamanha dor.

A mísera respondeu, historiando o próprio caso.

A irmã experiente estampou no olhar linda expressão de complacência e considerou, cacarejando:

_ Que é isto, amiga? não desespere. A obra do mundo é de Deus, nosso Pai. Há ovos de gansos, perus, marrecos, andorinhas e até de sapos e serpentes, tanto quanto existem nossos próprios ovos. Continue chocando e ajudando em nome do Poder Criador; entretanto, não se prenda aos resultados do serviço que pertencem a Ele e não a nós, mesmo porque a

escada para o Céu é infinita e os degraus são diferentes. Não podemos obrigar os outros a serem iguais a nós, mas é possível auxiliar a todos, de acordo com as nossas possibilidades. Entendeu?

A galinha sofredora aceitou o argumento, resignou-se e voltou, mais calma, ao grande parque avícola a que se filiava. O caminho humano estende-se, repleto de dramas iguais a este. Temos filhos, irmãos e parentes diversos que de modo algum se afinam com as nossas tendências e sentimentos. Trazem consigo inibições e particularidades de outras vidas que não podemos eliminar de pronto. Estimariamos que nos dessem compreensão e carinho, mas permanecem imantados a outras pessoas e situações, com as quais assumiram inadiáveis compromissos. De outras vezes, respiram noutros climas evolutivos.

Não nos aflijamos, porém.

A cada criatura pertence a claridade ou a sombra, a alegria ou a tristeza do degrau em que se colocou. Amemos sem o egoísmo da posse e sem qualquer propósito de recompensa, convencidos de que Deus fará o resto."
(Francisco Cândido Xavier por Neio Lúcio. in: Alvorada Cristã)

(fonte: A História de Um Espírito. extraído da Revista Espírita maio de 1859 -original redigido por Allan Kardec - Instituto Maria - JF/MG – O livro é em história em quadrinhos super interessante para se ter e encontra-se nas Livrarias Espíritas)

17. A SURPRESA DE CECÍLIA

"Era uma vez um homem que tinha um jardim muito grande.

Mas ele não gostava muito de flores e árvores, e às vezes passava um tempo enorme sem dar água para as plantinhas.

Certo dia ele chegou no jardim e viu um pezinho de planta tortinho, quase morto, estava até feinho. E ele disse:

_ Que planta mais feia! E eu nem sei o que é isto! Vou arrancá-la e jogar no lixo.

E foi isto o que ele fez. Arracou a plantinha e...Zás! Jogou-a na lata de lixo!

Cecília era uma garotinha que morava ali perto, e estava passeando um pouquinho, quando viu a plantinha no lixo.

Cecília, ao ver a plantinha no lixo, pensou:

_ Oh, que pena! Uma plantinha tão pequenininha...E ainda tem raiz...quem será que a jogou no lixo?

Cecília, então, pegou a plantinha e a levou para casa e pelo caminho ia pensando:

_ Vou plantar esse galhinho. Quem sabe ele pode nascer?!!!

Chegando em casa, Cecília pediu à Mamãe um vasinho para poder colocar terra e plantar o galhinho que tinha encontrado.

O tempo foi passando, foi passando, e a Cecília sempre a cuidar da plantinha que passou a melhorar, a melhorar...

Cecília estava muito alegre ao ver a plantinha melhorando; ela amava a Natureza e gostava muito do Pai do Céu, pois foi Ele quem fez a Natureza para nos ajudar.

Um dia, que surpresa! Quando Cecília foi aguar a plantinha sabe o que ela viu!?

Pois é, tinha uma florzinha no galho ... e Cecília foi logo correndo e chamando a Mamãe:

_ Mamãe, Mamãe! Venha ver! Venha ver logo!

A Mamãe de Cecília correu para ver o que estava acontecendo com Cecília.

Quando a Mamãe viu a florzinha falou:

_ Que belezinha, Cecília! Que flor mais perfumada!

_ Puxa , mamãe. que bom !! Parece até que a plantinha me agradeceu por ter cuidado dela com carinho !

Mamãe sorriu e falou:

_ É isto mesmo , filha. A Natureza merece todo o nosso cuidado, toda a nossa proteção. Dependemos dela para viver e ela é um grande presente de Deus, Papai do Céu.

E assim, Cecília e sua mamãe, continuaram sempre a proteger a Natureza e foram muito, muito felizes! "

(Fonte: AME - Dec/JF)

18. A JUSTIÇA

Quando criança eu tinha a mania de me sentir sempre injustiçado. Por um ou outro motivo, não me tinham feito justiça, sem perceber que, para mim, a "injustiça" era sempre qualquer restrição feita aos meus desejos, fantasias e vontades.

E invariavelmente arrebatava em lágrimas de protesto. Um dia papai me chamou e disse:

- Meu filho, vamos combinar uma coisa. Você sabe que o papai não gosta de ver você triste, não é? Então nós vamos fazer o seguinte: Cada vez que você chorar, escreva num papel a

causa. Coloque o papel no vaso azul, ali, sobre a escrivaninha. Deixe passar alguns dias e leia-o. Se achar que o assunto ainda o está aborrecendo, venha a mim, que corrigirei a injustiça que tiverem feito contra você. Combinado?

Estava combinado. Nos primeiros dias eu enchi o vaso azul de anotações. Passadas no preto e branco, minhas queixas me pareciam perfeitamente justificadas.

Passaram-se os dias e meu pai voltou a falar comigo.

- Você já pode começar a reexaminar os seus papéis. Depois venha falar comigo.

Comecei. Mas, estranhamente, constatei que minhas queixas eram banais e que, na realidade, não havia nada que pudesse motivar aborrecimento.

Abreviei o espaço dos dias e, depois, passei a examinar os papéis horas depois dos acontecimentos.

Verifiquei que não tinha nenhuma injustiça a exigir a reclamação de papai. E parei de chorar várias vezes ao como estava acostumado a fazer.

Hoje compreendo que tudo foi uma brincadeira de papai. Todavia, com grande habilidade ele me levou a refletir antes de reagir. E desenvolveu em mim a compreensão a respeito do que é justiça e injustiça em face do nosso egocentrismo, exigência de privilégios e pretensões descabidas.

Com isso o meu espírito de tolerância ganhou uma amplitude que me tem beneficiado ao longo de toda a vida ...

A redenção da Humanidade terá começo no caráter da criança ou o sofrimento dos Homens não terá fim.

(Wallace Leal Rodrigues. in: **E para o resto da vida ...**)

Fonte: AME - Dec/JF)

19. O BOLO DA CÍNTIA "

Cíntia era uma garota super legal, alegre e que vivia ajudando sua mãe nos cuidados da casa e ela adorava quando resolviam fazer bolo, principalmente quando sua mãe, Dna. Clara, deixava que ela fizesse o bolo, mas... Sempre que isso acontecia, Cíntia ficava pensando qual ingrediente ela sempre se esquecia de colocar na massa, pois seu bolo nunca ficava fofinho e bonito como os que sua mãe fazia.

Era um sábado, quando Dna Clara resolveu experimentar uma receita nova, que ela havia ganho de Dna Lucimara, mãe da Lucinha - melhor amiguinha da Cíntia.

Assim resolvido, Dn Clara chamou Cíntia e perguntou se ela queria fazer o bolo.

Cíntia logo respondeu:

_ Oba!! Quero sim, Mãe, quero fazer essa nova receita. Quem sabe dessa vez ele não ficará igual aos seus bolos !?

_ Hoje, Filha, eu ficarei com você passo a passo e vamos ver se ficará faltando alguma coisa, tá legal?

_ Tá legal, mamãe. Assim não haverá jeito de esquecer alguma coisa...

E assim fizeram... Reuniram todos os ingredientes, com calma - aliás Dna Clara sempre faz tudo com calma e paciência - em uma tigela e , então ligou a batedeira e começou a bater o bolo.

Cíntia, impaciente como ela só, começou a falar com sua mãe:

_ Mãe, mais rápido. Desse jeito vai demorar muito para a gente poder comer o bolo...

_ Calma, Filha - respondeu Dna Clara- você não quer saber qual ingrediente que sempre esquece de colocar na massa?

_ Quero sim, mas está demorando muito muito!!"

_ Paciência, Filhota. Estou terminando de bater, tem que ficar bem mexido, senão não fica legal.

_ Ai viu Mãe, demora muito!

Dn Clara acabou de bater a massa do bolo, enquanto Cíntia untava a forma para despejá-la. Feito isso, levaram para o forno. E, então, Dn Clara disse:

_ Cíntia, vamos até a Padaria do Sr. Antônio pegar o leite? E, na volta, passamos na casa da Lucimara e a chamamos junto com Lucinha para virem lanchar conosco, ok?

_ Mas, Mãe, daí o bolo vai queimar...

_ Filhota, paciência, você irá ver que teremos tempo para fazer tudo isso e ainda chegarmos em casa e arrumarmos a mesa para o lanche antes que o bolo fique pronto.

_ Tá boom...

Assim fizeram.

Foram a Padaria e chegando lá Dn Clara começou a conversar com o Sr. Antônio e enquanto isso Cíntia ficava cutucando de minuto em minuto sua mãe para elas irem embora por causa do bolo que estava no forno e sua mãe sempre falando:

_ Calma, Cíntia, tenha um pouco de paciência...

E nada de Cíntia deixar de ficar cutucando sua mãe... Passaram, então na casa de Dna Lucimara e Lucinha e a chamaram para o lanche; sempre com a Cíntia apressando a mãe para retornarem logo para casa.

Chegando em casa, Dn Clara pediu a Cíntia que fosse olhar o bolo no forno através do vidro do fogão:

_ Cíntia, aproveite e veja quantos minutos ainda faltam para que o bolo esteja corado...

_ Vou ver, Mãe - disse Cíntia - mas acho que já deve estar queimado...

_ Vá lá ver Cíntia - disse sua mãe rindo

Cíntia, então, foi verificar na cozinha, através da janela de vidro do fogão, como estava o bolo.

_ Mãe, ainda falta um bocadinho para ele ficar corado, como a gente gosta!!!

_ Certo, Filha, vamos, eu arrumo a mesa e vc vai chamar a Lucimara e a Lucinha? - propôs Dn Clara

_ Mãe, acho melhor primeiro tirarmos o bolo do forno, assim não corremos o risco dele queimar... - replicou Cíntia

_ Querida, nesses minutinhos que faltam para corar o bolo, dá tempo de fazermos tudo isso, ok? Eu arrumo a mesa e vc vai lá chamá-las para o lanche, tá legal?

_ A Senhora é quem sabe... mas que vai queimar o bolo vai... - respondeu Cíntia

Assim fizeram, Dn Clara arrumou a mesa, Cíntia chamou Lucinha e sua mãe...

Todos se acomodaram à mesa e começaram a se servir... Foi quando Cíntia lembrou de perguntar a Dn Clara o que era que ela sempre esquecia de colocar no bolo:

_ Mãe, eu juntei todos os ingredientes não é? Não ficou faltando nenhuzinho... Então, o que é que fica faltando nos bolos que faço, que eles nunca saem assim fofinho que nem o seu!?

_ Ora, Cíntia, a massa tem seu tempo certo de ser batida, não é? E vc sempre ficava a reclamar que estava demorando muito... O assar do bolo também tem seu tempo certo, não é? E vc sempre me apressando para vermos logo como estava o bolo com medo dele queimar... E toda vez que vc faz bolo, o que é que vc faz? Vc sempre fica abrindo a portinha do forno de cinco em cinco minutos, como vc ficou fazendo me cutucando na Padaria de minuto a minuto e enquanto combinávamos de Lucinha e Lucimara virem lanchar aqui, não é?

Pois então...o que sempre falta é uma dose pequenina de paciência...

Cíntia pensou alguns minutos e então disse:

_ É verdade, Mãe.. A senhora sempre me dizendo: calma, paciência, teremos tempo para fazer tudo e eu sempre com medo do bolo queimar... E eu não entendia para que que eu tinha que ter paciência... agora já sei.. tudo sempre tem sua hora certinha, né?

- É sim, Filhota, tudo tem seu tempo certo...

Todos, então, se entreolharam e começaram a rir...

Desde este dia que Cíntia passou a ter paciência para fazer tudo e com isso os bolos que fazia sempre ficavam fofinhos e bonitos como os de Dn. Clara. "

(autora: Tia Zezé)

20. O PASSEIO NA FAZENDA

"Marina é uma menina boazinha, que gosta de bichos, das flores, e não briga com seus amiguinhos.

Ela tem um vizinho, o Pedro, que mora pertinho de sua casa e, por isso, eles brincam juntos quase todos os dias.

Um dia a Dna Ana, mãe da Marina, chamou e disse:

_ Filhinha, o Tio João nos convidou para dar um passeio até a fazenda dele. Você gostaria de ir?

_ O que é uma fazenda, mamãe? - perguntou Marina.

_ É um lugar onde não tem muitas casas, nem ruas, nem carros, nem lojas, mas onde moram as pessoas que plantam a terra, que criam os animais, que gostam de ficar perto da natureza. - explicou Dna Ana.

_ Oba! Eu quero ir sim! Posso chamar o Pedrinho pra ir com a gente?

_ Se a Mamãe dele deixar, poderemos sim levá-lo - respondeu mamãe

Assim, foram e falaram com Dna Lúcia, mãe de Pedro e ela concordou que ele fosse com eles para a fazenda.

Chegou o grande dia e todos se prepararam para a viagem.

Seu Antônio pediu emprestado o carro do vovô Zé e lá foram eles!"

Quando chegaram, Tio João veio recebê-los, dizendo, e abraçando um a um:

_ Que alegria é tê-los por aqui! Sejam bem-vindos!

Marina e Pedro logo quiseram conhecer a fazenda e foram, junto com a Ritinha, que é a filha do Tio João, passear ali por perto da casa onde morava o Tio João. E sabe o que eles viram?

Primeiro um lugar cheio de árvores, flores, borboletas e aproveitaram e pegaram umas laranjas na laranjeira, goiabas na goiabeira e foram pelo passeio as comendo.

Chegaram, então, em um lago de águas bem clarinhas e que tinha um monte de peixinhos nadando nele.

Aí chegaram onde tem vários animais e viram a vaquinha que dão o leite com que a gente se alimenta e viram, também, os porquinhos no seu cercado. Mamãe porca estava dando de mamar para seus filhotinhos. Marina e Pedro acharam super engraçados os porquinhos...

E depois de verem tudo isso, voltaram para a casa e falaram para o Tio João:

_ Puxa, tio João! Como é bonito aqui na fazenda! O senhor gosta muito de morar aqui, né?

Tio João deu um largo sorriso e, abraçando as crianças, disse:

_ Sim, meu querido! Eu gosto muito daqui. E todos os dias eu faço uma prece agradecendo a Deus essa linda natureza que nos dá muitas coisas boas!

Pedro então perguntou:

- _ Quem é Deus!?
Todos sorriram e Tio João explicou:
_ Deus é o Papai do Céu e quem criou tudo o que vcs viram.
_ Ah! Então também a gente, Marina, deveria agradecer por este mundo, não é!? – disse Pedro a Marina
E os dois falaram juntinhos:
_ Papai do Céu! Muito obrigado pelo nosso mundo tão bonito!"

(fonte: AME – Dec/JF)

21. O RELÓGIO

"O relógio é o grande amigo Na vida da criatura; Acompanha-lhe a viagem Desde o berço à sepultura. Metódico, dedicado. movimentando os ponteiros, marca os risos infantis E os gemidos derradeiros. Revela oportunidades, Mostra a bênção do minuto, Indica tempo à semente, Como indica tempo ao fruto. Mas de todos os relógios Que atendem cheios de amor,	É justo salientar O amigo despertador. Quando alguém dorme ao cansaço, Ele vibra, ajuda e vela, ritmando o tique-taque, tem coisas de sentinela. Na hora esperada e justa, pontual , invariável, Chama à luta o companheiro Em bulha desagradável. O seu barulho interrompe O repouso desejado, Acorda-se, quase à força, Levanta-se estremunhado.	Mas, somente ao seu apelo, Há lembrança dos serviços, Buscando-se incontinenti A zona de compromissos. Assim, na vida comum, Nas lutas de redenção. Todo o tempo é precioso Em qualquer situação. Mas o tempo que nos fere, Em provas, serviço e dor, É o melhor de todos eles, É o nosso despertador. "
--	---	---

(Francisco Cândido Xavier por Casimiro Cunha. in: Cartilha da Natureza)

22. UMA MENINA CHAMADA JULINHA

I - Julinha era uma menininha que morava no interior, num local bem longe da cidade. Ela morava com papai, mamãe e os irmãozinhos.

O papai de Julinha trabalhava na terra: capinando, semeando, arando e plantando, mas o dinheiro que ele ganhava não era muito não e só dava para comprar poucas coisas. Mas todos eram muito felizes. Sabem por quê? É que eles dividiam tudo o que possuíam, uns com os outros, assim ninguém ficava sem nada.

Pela manhã, depois que todos se levantavam, sentavam-se à mesa para tomar café. Mamãe colocava uma toalha limpinha na mesa e o bolo que fizera já cortado em pedaços (a mamãe fazia bolo porque onde moravam eram muito longe da cidade e não tinha padaria por perto). Todos comiam seu pedaço de bolo com o leite que o papai tirara da vaquinha malhada, e que também era dividido nos copinhos.

Depois do café, Julinha pegava sua mochila e ia para a escola. Ela tinha que andar muito, a escola era muito muito longe.

Na escola, na hora de merendar, Julinha tirou da sacola a goiaba que levava de casa. Mas uma coleguinha, que morava na cidade, ficou olhando a goiaba de Julinha, com uma vontade de comer um pedacinho....

II - É que na casa da menininha da cidade não tinha pé de goiaba e aquela goiaba estava mais cheirosa do que as que sua mãe comprava no supermercado.

Julinha, percebendo o olhar da coleguinha, dividiu com ela a sua goiaba.

Após voltar da escola, Julinha almoçava, brincava um pouco e depois ia fazer os deveres.

Xiiii... que será que aconteceu?

Julinha está toda assustada...

Aaah! É que ela perdeu o lápis quando voltava da escola....

_ Como ia fazer os deveres? Julinha falava quase chorando...

Seu irmão , o Júnior, respondeu:

_ Não fique triste Julinha, eu lhe empresto o meu lápis.

E assim Julinha fez seus deveres , toda feliz. Por isso em sua casa todos eram felizes, eles sabiam repartir o que tinham e se ajudavam uns aos outros. Um dia Julinha ganhou na escola, adivinhem o que? Um pedaço de melancia.

Ela a levou para casa e cortou em pedaços pra dividir com a mamãe, o papai e os irmãozinhos. E todos ficaram super alegres em poder saborear a fruta que Julinha ganhou e repartiu com eles." (fonte: AME- JF)

23. VIVI A BORBOLETINHA

NARRADOR 1 :

Em um belo jardim, vivia uma linda borboleta, seu nome era Vivi. Vivi era muito linda, com suas asas multicoloridas: amarelo, azul, vermelho, tinha todas as cores.

Mas...

Vivi tinha um defeito, ela era muito vaidosa e orgulhosa. Maltratava a todos que se aproximavam dela, com seu jeito feio de falar. Ela se achava superior aos outros bichinhos do jardim, devido a sua beleza. Tinica, uma formiguinha muito feia, porém muito carinhosa e sabida, sempre dizia a Vivi:

TINICA :

-Vivi, não seja assim tão vaidosa, o que vale é a beleza interior.

VIVI:

- Não me amole. Você é muito chata... E quer saber? Você fala assim é porque você é muito FEIA e... não tem a minha beleza.

TINICA:

-Não é isso. Falo porque gosto de você e não quero te ver sofrer.

VIVI:

EU? Eu não sofro. Sou muito bonita. Vivo voando perto das flores, sou feliz. Infeliz é você! Você é tão pequena e vive dentro de um buraco imundo e escuro na terra. Quer saber? Não gosto mesmo de você e não ligo a mínima para o que você me fala.

TINICA

-Vivi, você é tão sozinha... tente ser mais delicada com os outros.

VIVI

-NÃO ME AMOLE.

TINICA

- pobre Vivi.

NARRADOR 2

E Vivi continuava cada vez mais vaidosa, orgulhosa e sem amiguinhas. Ela esnobava a todos que se aproximavam dela. Só Tinica conversava com Vivi. Porém parecia que Vivi não gostava muito da amizade de Tinica. Ela se achava tão bonita, que não gostava da ideia de ser vista com uma formiga tão feia como Tinica.

Um dia...

Aconteceu algo inesperado. Durante uma forte ventania, Vivi caiu num laguinho que havia no jardim. Começou a gritar

Mas...

Ninguém ouviu os gritos de Vivi

VIVI

_Socorro...socorro...socorro...

NARRADOR 2

Vivi gritou até se cansar.

VIVI

- Socoooooooooooooooooooooooooooo

NARRADOR 3

Assim ... desencarnou Vivi.

O tempo passou... passou... passou...

Até que numa bela tarde, nasceu mais uma formiguinha no formigueiro do jardim.

Uma formiguinha diferente. E ... adivinhem?

Esta formiguinha era Vivi, a borboletinha. Vivi agora reencarnou como uma formiga, pequenina e com um grande defeito.

Vivi não conseguia conversar com ninguém, ela começava a falar e gaguejava sem parar. Ninguém entendia nada.

Desse modo, ela começou a se controlar e não maltratar mais os outros

bichinhos, com as palavras que saiam de sua boca.

Coordenador(es) do trabalho: - DEUS, nosso Paizinho Querido, havia dado uma nova chance para Vivi, CONSERTAR SEUS ERROS DO PASSADO, APRENDER A AMAR, TRABALHAR E CRESCER ESPIRITUALMENTE.

Vamos torcer por ela? (Autora: Luciana - participante da Sala Evangelize CVDEE)

Índice

Objetivos da Educação Espírita na Infância	01
A. Educação Artística	
1. Desenho com bastão de cera ou lápis-cera	06
2. Desenho com giz de cor	06
3. Desenho com giz no mata borrão	06
4. Desenho soprado	06
5. Desenho com efeito de vitral	07
6. Desenho com carvão	07
7. Círculo das cores	07
8. Desenho a barbante	07
9. Desenho com lápis e vela	07
10. Desenho em papel de seda e água sanitária	08
11. Mosaico	08
12. Técnica de Papier Marché	08
13. Apenas atividades	09
14. Receita de tinta para pintura a dedo	09
15. Receita de tinta guache	09
16. Receita de massa caseira 03	10
17. Receita de massa caseira 02	10
18. Receita de massa de papier marche	10
19. Receita de massa de modelar doméstica	11
20. Massa de modelar	11
21. Receita de tinta natural	11
B. Brincadeiras	
1. Atividade psicomotora	12
2. Atividade de coordenação viso-motora-auditiva	12
6. Experiências sensoriais: olfato	13
7. Experiência sensorial: visão	13
8. Experiência sensorial: Tato	14
12. Boca de palhaço	14
13. Casa de Boneca	15
14. Casa de boneca 02	15
15. Fantoche	16
16. Fantoche 02	16
17. Quebra cabeça	16
C. Estórias	
1. A vovó sabe tudo	17
2. Ponto de luz	19
3. Cuida que é mais importante	20
4. Estória da Páscoa	21
5. Passeio espiritual	22
6. O peixinho azul	22
7. Juca lambisca	24
8. O sol	25
9. A fazenda	26
10. O regador	26
11. A boa árvore	27
12. Uma família de beija-flores	27
13. A balança	28
14. Juquinha, o maioral	28
15. Pedro, o flamengo	29
16. A galinha afetuosa	34
17. A surpresa de Cecília	35
18. A justiça	35

Evangelização Infantil

19. O bolo da Cíntia	36
20. O passeio na fazenda	37
21. O relógio	38
22. Uma menina chamada Julinha	38
23. Vivi a borboleta	39

Centro Espírita Caminho de Damasco

Casa da Sopa Irmã Sheila

Material compilado a partir do Centro Virtual de
Divulgação e Estudo do Espiritismo - CVDEE

Novembro/ 2000